

# a espada de shannara

trilogia a espada de shannara / livro um

## terry brooks

Tradução de Ana Cristina Rodrigues

Adaptação de Idalina Morgado



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina



## SAÍDA DE EMERGÊNCIA

livros para fugir da rotina

TÍTULO: *A Espada de Shannara / n.º 237 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Terry Brooks*

EDITOR: *Luís Corte Real*

*Esta edição © 2015 Edições Saída de Emergência*

*Título original The Sword of Shannara © 1997 Terry Brooks. Publicado originalmente nos E.U.A. por The Random House Publishing Group, 2002*

TRADUÇÃO: *Ana Cristina Rodrigues*

ADAPTAÇÃO: *Idalina Morgado*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Luis Melo*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Cafilesa - Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Maior, 2015*

ISBN: *978-989-637-715-1*

DEPÓSITO LEGAL: *390972/15*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

*Rua Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal*

TEL.: *214 583 770*



WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

/EDIÇÕES-SAÍDA-DE-EMERGÊNCIA



TERRAS DO NORTE



PANTANO DE MALG

MTS CHARNAL

REINO DA CAVEIRA

Deserto Kierlak

Mt. da Caveira

Mts da Lâmina da Faca  
Rio Lethe

PLANÍCIE DE STRELEHEIM

Passo Jannisson

TERRAS DO OESTE

Vale do RHEIN

PARANOR

Fortaleza dos Druidas

PLANÍCIES DE RABB

TERRAS DO LESTE

ANAR SUPERIOR

Rio Mermidon

DENTES DE DRAGÃO

Salão dos Reis

Passo Kennon

Vale do XISTO

KERN

Varfleet

MONTANHAS DE RUNNE

Storlock

Mts Wolfskaas

CALLADORN

CYRSIS

Passo de Jade

Passo do Laço

FLORESTA DE ANAR



TERRAS DO SUL

LAGO ARCO-IRIS

Rio Prata

Culhaven

Floresta de Duln

Pântano das Névoas

leah

PLANÍCIE DE BATTLEMOUNDS

Planícies de Clade

ANAR INFERIOR

Vale SOMBRIO

Aos meus pais  
Que acreditaram



## Capítulo I

O Sol mergulhava já no verde profundo das colinas a oeste do vale, as sombras vermelhas e rosadas tocando os cantos da terra, quando Flick Ohmsford começou a descer. O trilho estendia-se irregularmente pela encosta a norte, serpenteando pelas grandes rochas que cravejavam o terreno acidentado em enormes maciços, e desaparecia dentro das florestas densas das planícies para reaparecer em breves vislumbres nas pequenas clareiras e áreas desbastadas do bosque. Flick seguia o trilho familiar com os olhos, enquanto caminhava, cansado, com a bolsa leve pendurada frouxamente sobre o ombro. O seu rosto largo e castigado pelo vento apresentava uma expressão plácida, e apenas os grandes olhos cinzentos revelavam a energia irrequieta que ardia sob o calmo exterior. Era um homem jovem, embora a forma robusta, o cabelo castanho que começava a ficar grisalho e as sobrancelhas desgrenhadas o fizessem parecer mais velho. Vestia as roupas largas de trabalho do povo do vale e carregava na bolsa vários utensílios de metal que chocalhavam uns nos outros.

O ar noturno estava um pouco frio e Flick apertou a gola da camisa de lã junto ao pescoço. O trajeto adiante atravessava florestas e planícies, ainda indistinguíveis enquanto ele passava pela floresta e pelos carvalhos altos; sombrias nogueiras elevavam-se até encobrirem o céu limpo da noite. O Sol tinha-se posto, deixando o azul-escuro do céu pontilhado por milhares de estrelas acolhedoras. As enormes árvores, no entanto, apagavam até mesmo aquela luz, e Flick ficou sozinho na escuridão silenciosa, percorrendo lentamente o caminho conhecido. Por ter viajado por aquela mesma rota centenas de vezes, o jovem percebeu de imediato a imobilidade incomum que parecia encantar o vale inteiro naquela noite. Os familiares zumbidos e chilros dos insetos em geral, presentes na quietude noturna, os gorjeios dos pássaros que acordavam ao pôr do Sol para voar em busca de alimento — todos estavam ausentes. Flick escutou com atenção à procura de algum som de vida, mas os seus ouvidos sensíveis não conseguiram detetar nada. Abanou a cabeça, apreensivo. O

silêncio era perturbador, particularmente por causa dos rumores sobre uma criatura assustadora de asas negras, avistada poucos dias antes no céu noturno a norte do vale.

Forçou-se a assobiar e voltou os pensamentos para o dia de trabalho na região imediatamente a norte do vale, onde famílias que viviam afastadas cultivavam a terra e criavam gado doméstico. Visitava as suas casas todas as semanas, fornecendo vários itens de que necessitavam, levando notícias sobre o vale e ocasionalmente sobre as distantes cidades das Terras do Sul. Poucos conheciam as zonas rurais em redor tão bem quanto ele, e menos ainda se davam ao trabalho de viajar para longe da relativa segurança das suas casas no vale. Naquela época, os homens estavam mais inclinados a permanecer em comunidades isoladas e deixar o resto do mundo viver da melhor maneira que podia. Flick, porém, gostava de se aventurar para longe do vale de vez em quando e os donos das propriedades mais remotas precisavam dos seus serviços e estavam dispostos a pagar pelo incómodo. O pai de Flick não era do tipo que deixava passar uma oportunidade de ganhar dinheiro, e o acordo parecia funcionar bem para todos os envolvidos.

Um galho baixo roçou-lhe a cabeça e assustou-o, fazendo-o saltar para o lado. Irritado, endireitou-se e olhou para o obstáculo de folhas antes de continuar o trajeto a passo um pouco mais acelerado. Estava agora embrenhado na floresta da planície e apenas alguns fiapos de luar conseguiam penetrar os ramos espessos, para iluminar parcamente o caminho sinuoso. Parecia tão escuro que Flick tinha dificuldade em encontrar o trilho, e enquanto estudava o terreno adiante, voltou a notar o pesado silêncio. Era como se toda a vida se tivesse extinguido abruptamente e apenas ele continuasse vivo para encontrar a saída daquele cemitério de floresta. Lembrou-se de novo dos estranhos rumores e sentiu-se um pouco ansioso. Mesmo contra a sua vontade, olhou em volta, preocupado. Mas nada se agitou no trilho adiante, nem se moveu nas árvores por perto, e ele sentiu um alívio envergonhado.

Parando por um momento numa clareira iluminada pelo luar, observou a imensidão do céu noturno antes de avançar para o meio das árvores. Caminhava devagar, escolhendo com cuidado o caminho pelo trilho sinuoso que se estreitara após a clareira e parecia desaparecer sob uma muralha de árvores e moitas. Flick sabia que era apenas uma ilusão, mas mesmo assim olhou apreensivo ao seu redor. Momentos depois, en-

contrava-se de novo num caminho mais amplo e conseguia ver pedaços do céu através da folhagem das árvores. Estava quase no sopé do vale, a cerca de três quilômetros de casa. O jovem sorriu e começou a assobiar uma antiga canção de taberna enquanto caminhava apressadamente. Estava tão concentrado no trilho e no terreno aberto além da floresta que não notou a enorme sombra negra que pareceu avolumar-se de repente, separando-se do carvalho à sua esquerda e movendo-se rapidamente para lhe atalhar o passo no meio do caminho. A figura sombria já estava quase em cima de Flick quando ele viu a sua presença agigantar-se diante de si como uma imensa rocha negra que ameaçava esmagar o pequeno jovem. Com um grito surpreso de medo, saltou para o lado, a bolsa caindo no meio do trilho com o ruído dos metais enquanto ele sacava, com a mão esquerda, da longa e fina adaga presa à cintura. Quando se preparava para se defender, foi impedido por um braço imponente, erguido acima da figura à sua frente, e por uma voz profunda, mas tranquilizadora, que se apressou a dizer:

— Calma, amigo. Não sou seu inimigo e não tenho intenção de o ferir; apenas estou perdido e ficar-lhe-ia grato se pudesse indicar-me a direção certa.

Flick baixou um pouco a guarda e tentou perscrutar as sombras da figura adiante, num esforço para descobrir alguma semelhança com um ser humano. No entanto, não conseguia ver nada e deslocou-se para a esquerda, tentando ver as feições da figura sombria sob o luar encoberto pelas árvores.

— Asseguro-lhe que não desejo fazer-lhe mal — continuou a voz, como se lesse a mente do rapaz do vale. — Não quis assustá-lo, mas só o vi quando já estava quase à minha frente e receei que passasse por mim sem se aperceber de que eu estava aqui.

A voz fez uma pausa e a figura enorme permaneceu em silêncio, embora Flick pudesse sentir os seus olhos a segui-lo enquanto se aproximava da beira do trilho para se posicionar de costas para a luz do luar. Lentamente, o luar pálido foi desvendando as feições do estranho em linhas vagas e sombras azuladas. Encararam-se ambos em silêncio por um longo momento, analisando-se, com Flick a esforçar-se para perceber o que via e o estranho na expectativa.

Então, abruptamente, a enorme figura lançou-se sobre ele com uma rapidez desconcertante e as suas mãos poderosas agarraram os pulsos de

Flick, ergueram-no do chão e mantiveram-no no ar, a adaga caindo dos dedos enfraquecidos ao ouvir a voz profunda zombar dele.

— Ora, ora, meu jovem amigo! Sempre quero ver o que vais fazer agora! Eu podia arrancar-te o coração do peito e deixá-lo aqui para os lobos o devorarem se quisesse, não era?

Flick debateu-se violentamente para se libertar, o terror impedindo-o de pensar em qualquer outra coisa para além da fuga. Não fazia ideia que tipo de criatura era aquela que o subjugara, mas era muito mais poderosa do que qualquer homem normal e, aparentemente, estava pronta para o matar com rapidez. De súbito, o seu captor segurou-o muito perto do rosto e a voz desdenhosa assumiu um tom de desprezo gélido.

— Chega, rapaz! Já nos divertimos um bocado e continuas sem saber nada sobre mim. Estou cansado e com fome e não tenho a menor intenção de me atrasar no caminho da floresta ao frio da noite, enquanto decides se sou um homem ou uma fera. Vou pôr-te no chão para que possas mostrar-me o caminho. E aviso-te: se tentares fugir de mim, será pior para ti! — A voz poderosa tornou-se mais branda e o tom de desprezo desapareceu quando a pitada anterior de zombaria voltou, com uma gargalhada breve. — Além do mais — murmurou a figura enquanto os dedos de ferro soltavam Flick, que escorregou para o chão —, posso ser um amigo muito melhor do que imaginas.

A figura deu um passo para trás e Flick levantou-se, esfregando os pulsos com cuidado para estimular o sangue a circular-lhe novamente pelas mãos dormentes. Queria fugir, mas tinha a certeza que o estranho o alcançaria e, então, acabaria com ele sem pensar duas vezes. Baixou-se com cautela e apanhou a adaga, embainhando-a novamente no cinto.

Agora, conseguia ver com maior clareza, e uma análise rápida revelou-lhe que a figura era definitivamente humana, embora muito maior que qualquer outro homem que já tivesse visto. Tinha mais de dois metros de altura e era excepcionalmente magro, apesar de ser difícil ter a certeza, pois a sua silhueta estava envolta num imenso manto negro, com um capuz largo a cobrir-lhe a cabeça. O rosto obscurecido era comprido e bastante enrugado, o que lhe conferia uma aparência encarquilhada. Os olhos eram fundos e estavam quase ocultos por sobrancelhas desgrenhadas, firmemente assentes sobre um longo nariz chato. Uma barba curta e negra emoldurava a boca ampla, que era apenas uma linha fina

no rosto — uma linha que parecia nunca se mover. A aparência geral era assustadora, tudo escuridão e tamanho, e Flick teve de combater o instinto crescente de fugir para dentro da floresta. Fitou os olhos fundos e duros do estranho, não sem alguma dificuldade, e conseguiu esboçar um débil sorriso.

— Pensei que o senhor fosse um ladrão — balbuciou, hesitante.

— Estavas enganado — foi a réplica calma. Então, a voz suavizou-se um pouco. — Tens de aprender a diferenciar um amigo de um inimigo. Um dia, a tua vida poderá depender disso. Agora diz-me como te chamas.

— Flick Ohmsford. — Flick hesitou por um momento, prosseguindo, em seguida, num tom de voz um pouco mais corajoso. — O meu pai é Curzad Ohmsford. Tem uma estalagem no Vale Sombrio, a dois ou três quilómetros daqui. Lá, terá onde dormir e o que comer.

— Ah, o Vale Sombrio! — exclamou o estranho. — Sim, é para lá que quero ir. — Fez uma pausa, como se refletisse sobre as próprias palavras. Flick observou-o com cautela, enquanto o homem esfregava o rosto enrugado com os dedos tortos e olhava para além da floresta, para as pradarias do vale. Continuava a olhar para longe quando voltou a falar. — Tens... tens um irmão.

Não era uma pergunta, mas uma simples afirmação. Disse aquilo de um modo tão distante e calmo, como se não estivesse minimamente interessado em qualquer resposta, que Flick quase não o ouviu. Mas o rapaz não tardou a aperceber-se da importância da afirmação e estacou, olhando de relance para o homem.

— Como é que...?

— Ah, bem... — disse o homem. — Não é verdade que todos os jovens do vale, como tu, têm um irmão algures?

Flick assentiu sem conseguir dizer mais nada, incapaz de compreender onde é que o homem queria chegar com aquilo e perguntando-se o que saberia ele sobre o Vale Sombrio. O estranho questionava-o com o olhar, claramente à espera de ser guiado até à comida e às acomodações prometidas. Flick voltou-se depressa para procurar a bolsa caída no chão, apanhou-a e pendurou-a ao ombro, olhando para a figura que se erguia acima dele.

— O caminho é por aqui — apontou, e ambos iniciaram a caminhada.

Saíram da floresta densa e subiram por colinas suaves que seguiriam até à vila do Vale Sombrio, no outro extremo. Fora da mata, a noite apresentava-se clara; a Lua cheia era um globo branco acima deles, o seu brilho iluminando a paisagem e o trilho que os dois viajantes seguiam. O caminho em si era uma linha indefinida e sinuosa sobre as colinas cobertas de ervas, distinguível apenas pelos sulcos ocasionais, molhados pela chuva, e por extensões de terreno duras e planas que irrompiam da relva espessa. O vento ganhara força e soprava sobre os dois homens em rápidas rajadas que açoitavam as suas roupas ao andarem, forçando-os a baixarem as cabeças um pouco para proteger os olhos. Nenhum dos dois disse uma palavra enquanto prosseguiam, concentrados no terreno adiante, com novas colinas e pequenas depressões que apareciam a cada monte. Tirando o sopro do vento, a noite permanecia silenciosa. Flick escutava com atenção, e num dado momento pensou ouvir um grito agudo vindo de norte, mas o som desapareceu no instante seguinte e ele não voltou a ouvi-lo. O estranho não parecia estar preocupado com o silêncio. Concentrara-se num acidente de terreno cerca de dois metros adiante. Não consultava, nem sequer olhava para o jovem guia enquanto viajavam. Em vez disso, parecia saber exatamente para onde o outro ia, e caminhava ao seu lado como se já conhecesse o caminho.

Passado algum tempo, Flick começou a ter dificuldade em acompanhar o ritmo do homem alto, que caminhava com passos largos e entusiasmados a contrastarem com os seus passos mais curtos. Algumas vezes, o rapaz do vale quase teve de correr para o acompanhar. Em uma ou duas ocasiões, o outro homem olhou para o companheiro mais baixo e, percebendo a sua dificuldade em acompanhar-lhe as passadas, abrandou o ritmo da marcha. Finalmente, quando os declives a sul do vale se aproximavam, as colinas começaram a nivelar-se com as pastagens cobertas de arbustos que indicavam o aparecimento de novas florestas. O terreno formava um declive suave, e Flick localizou vários pontos de referência que faziam fronteira com os arredores do Vale Sombrio. Sentiu uma onda de alívio involuntário. A aldeia e a sua casa aquecida estavam perto.

O estranho não disse uma palavra durante a breve jornada, e Flick sentia-se relutante em meter conversa. Em vez disso, tentou analisar o gigante olhando para ele de relance, discretamente, enquanto caminhavam. Estava compreensivelmente espantado. O rosto longo e enrugado, escurecido pela densa barba negra, lembrava-lhe os dos temerosos

Feiticeiros que, certa noite, anciões austeros lhe tinham descrito diante das brasas reluzentes de uma fogueira, já tarde, quando era apenas uma criança. Ainda mais assustadores eram os olhos do estranho — ou, melhor dizendo, as cavernas escuras e fundas abaixo das sobrelhas desgrenhadas, onde deveriam estar os olhos. Flick não conseguia atravessar as pesadas sombras que continuavam a mascarar toda aquela zona do rosto do homem. A fisionomia profundamente vincada parecia esculpida em pedra, fixa e curvada sobre o caminho à sua frente. Enquanto refletia sobre aquele semblante impenetrável, Flick lembrou-se, subitamente, de que o estranho não se tinha apresentado.

Encontravam-se na fronteira exterior do vale, onde o caminho, perfeitamente visível, serpenteava por entre enormes arbustos que quase impediam a passagem aos seres humanos. O estranho alto parou de súbito e baixou a cabeça, escutando com atenção. Flick deteve-se ao seu lado e aguardou quieto, também à escuta, mas incapaz de detetar qualquer som. Continuaram parados por minutos aparentemente intermináveis e, então, o homem maior voltou-se com rapidez para o pequeno companheiro.

— Rápido! Esconde-te naqueles arbustos. Agora! Corre!

Empurrou Flick, mas mais parecia querer usá-lo para cobrir a retirada enquanto corria velozmente em direção ao arbusto mais alto. Flick correu, assustado, para o refúgio das moitas, com a bolsa a bater contra as costas e os utensílios de metal a tilintar. O estranho virou-se para ele e agarrou na bolsa, guardando-a sob o longo manto.

— Silêncio! — sussurrou-lhe. — Corre agora, sem fazer barulho!

Correram para o paredão escuro de folhagem, cerca de quinze metros adiante, e o homem alto empurrou Flick por entre os galhos que lhes chicoteavam os rostos, puxando-o depois rudemente para o meio de uma mancha de mato, onde aguardaram, com a respiração ofegante. Flick olhou para o companheiro e notou que ele não observava a zona em redor através da moita, mas examinava o céu noturno, visível através de brechas pequenas e irregulares na folhagem. O céu pareceu claro ao rapaz do vale enquanto acompanhava o olhar determinado do outro. Só as estrelas, imutáveis, tremeluziam enquanto ele olhava e esperava. Passaram vários minutos; tentou falar, mas foi rapidamente silenciado pelas mãos fortes do estranho, que lhe agarraram os ombros, como que a adverti-lo para se manter calado. Flick continuou de pé, a observar a

noite, tentando ouvir algum som do suposto perigo. Porém, não ouviu nada para além da respiração dos dois e de uma suave brisa que abanava os ramos do seu esconderijo.

Então, no instante em que se preparava para relaxar os membros cansados e sentar-se, o céu foi subitamente encoberto por alguma coisa enorme e negra que pairava acima deles e logo desapareceu. Momentos depois, a coisa passou de novo, rodando lentamente sem parecer mover-se, a sua sombra pairando, ameaçadora, por cima dos dois viajantes escondidos, como se estivesse prestes a precipitar-se sobre eles. Uma sensação repentina de terror percorreu os pensamentos de Flick, enredando-os numa malha de ferro enquanto se esforçava para escapar da loucura medonha que os penetrava. Dir-se-ia que algo lhe oprimia o peito, esvaziando-lhe o ar dos pulmões até o deixar sem fôlego. Uma visão passou bruscamente por ele — uma imagem negra entremeada de vermelho, de mãos com garras e asas gigantescas, algo tão maligno que a sua mera existência ameaçava a frágil vida do jovem. Por um momento, pensou em gritar, mas a mão do estranho agarrou-lhe o ombro com mais força, afastando-o do precipício. Tão repentinamente quanto aparecera, a sombra gigantesca desapareceu e o céu noturno aquietou-se de novo.

A mão sobre o ombro de Flick soltou-o devagar, e o jovem do vale escorregou pesadamente para o chão, com o corpo flácido e coberto de uma película de suor frio. O estranho sentou-se calmamente ao lado do companheiro e um sorriso discreto insinuou-se-lhe no rosto. Pousou a mão comprida sobre a de Flick e deu-lhe uma palmadinha leve, como se ele fosse uma criança.

— Vamos, meu jovem amigo — sussurrou —, estás vivo e a salvo, e o vale fica já ali adiante.

Flick observou, com os olhos arregalados de medo, o rosto calmo do outro enquanto concordava com a cabeça.

— Aquela coisa! O que era aquela coisa horrível?

— Apenas uma sombra — respondeu o homem descontraidamente. — Mas não é o local nem o momento adequado para nos preocuparmos com esta questão. Falaremos sobre isto depois. Por agora, gostaria de comer alguma coisa e de me aquecer a uma lareira antes que perca a paciência de todo.

Ajudou o rapaz do vale a levantar-se e devolveu-lhe a bolsa. Então, com um gesto amplo do braço coberto pelo manto, indicou que estava

pronto para seguir se o outro estivesse em condições de o guiar. Saíram do esconderijo nos arbustos, Flick receoso, olhando apreensivamente para o céu noturno. Era como se tudo não tivesse passado de imaginação. Flick refletiu solenemente sobre o assunto e depressa concluiu que, em todo o caso, ele já tinha vivido aventuras suficientes para uma noite: primeiro, aquele gigante sem nome; depois, a sombra assustadora. Prometeu a si mesmo que pensaria duas vezes antes de voltar a viajar de noite para tão longe da segurança do vale.

Vários minutos mais tarde, as árvores e arbustos começaram a rair, e o bruxulear da luz amarelada tornou-se visível na escuridão. Ao aproximarem-se, as silhuetas vagas das construções foram assumindo a forma de massas quadradas e retangulares sob as sombras. O caminho alargou-se, tornando-se uma estrada de terra lisa que levava diretamente à vila, e Flick sorriu, agradecido, às luzes que os iluminavam e cumprimentavam, de forma amistosa, pelas janelas das casas em silêncio. Não havia movimento algum na estrada; se não fosse pelas luzes, seria bem possível pensar que ninguém morava no vale. No entanto, dadas as circunstâncias, os pensamentos de Flick estavam longe de tais considerações. Estava a pensar no que contaria ao pai e a Shea, pois não desejava preocupá-los com estranhas sombras que poderiam ser produto da sua imaginação e da noite escura. O estranho ao seu lado poderia prestar algum esclarecimento sobre o assunto futuramente, mas até ao momento ainda não se tinha revelado muito conversador. Flick voltou a sentir um calafrio perante a negritude do homem, que parecia refletir-se do seu manto e do capuz, descendo sobre a cabeça baixa e as mãos finas para cobrir toda aquela figura num manto de obscuridade. Independentemente de quem aquele homem fosse, Flick tinha a certeza que seria um inimigo perigoso.

Passaram devagar por entre as construções da aldeia e Flick conseguiu ver as tochas acesas através dos caixilhos de madeira das amplas janelas. As casas eram estruturas baixas e compridas, de piso único e telhados levemente inclinados, que na maioria dos casos se estendiam num dos lados para abrigarem pequenas varandas e eram sustentados por colunas pesadas, fixadas em pórticos longos. As construções eram feitas de madeira, com caboucos de pedra, tendo também algumas as fachadas em pedra. Flick olhou pelas janelas providas de cortinas, vislumbrando os ocupantes e deixando que os rostos familiares o con-

fortassem no meio da escuridão. Fora uma noite assustadora, e ele sentia-se aliviado por estar de novo no vale, entre as pessoas que conhecia.

O estranho permanecia pensativo. Apenas olhou de relance para a vila e ainda não abrira a boca desde que tinham chegado ao vale. Flick continuava a estranhar a maneira como o outro o seguira. Na verdade, não o seguira; antes parecia saber exatamente para onde o rapaz ia. No ponto em que a estrada formava uma bifurcação, seguindo em direções opostas por entre fileiras de casas idênticas, o homem alto não revelou qualquer dificuldade em escolher o caminho certo, apesar de não ter olhado para ele nem ter levantado a cabeça para ver por onde deveria seguir. De facto, era Flick quem percorria o trilho enquanto o outro o guiava.

Chegaram rapidamente à estalagem. Era uma estrutura grande, constituída por uma construção principal e um pórtico com varanda, com duas alas compridas que se estendiam para trás de ambos os lados. Era feita de troncos imensos, sobre uma fundação alta de pedras, coberta com o familiar telhado de madeira, sendo este, em particular, muito mais alto do que os das habitações. A construção principal encontrava-se bem iluminada e era possível ouvir vozes abafadas no interior, intercaladas por gritos e risos ocasionais. As alas da estalagem, mergulhadas na escuridão, albergavam os quartos dos hóspedes. O cheiro a carne assada permeava o ar noturno, e Flick subiu depressa os degraus de madeira do comprido pórtico até às amplas portas duplas, no centro da fachada daquela construção. O estranho homem alto seguiu-o em silêncio.

Flick fez deslizar o pesado trinco de metal e puxou as maçanetas. A grande porta da direita abriu-se, dando-lhes acesso a um grande salão cheio de bancos, cadeiras de espaldar alto e várias mesas compridas de madeira pesada, dispostas contra as paredes da esquerda e do fundo. O aposento encontrava-se bem iluminado pelas velas longas sobre as mesas, pelas lamparinas na parede e pela enorme lareira embutida no centro da parede esquerda. Flick ficou momentaneamente ofuscado, até os seus olhos se adaptarem à luz. Semicerrou-os para conseguir ver as portas duplas fechadas ao fundo do aposento, para lá da lareira e da mobília, e o comprido bar que se estendia ao longo de toda a parede do lado direito. Os homens que se encontravam no bar olharam indolentemente para a

dupla que entrava, demonstrando, pelas suas expressões, um assombro indisfarçado perante a aparência do estranho. Mas o silencioso companheiro de Flick parecia não os ter visto, e todos eles depressa voltaram a concentrar-se nas suas conversas e nas bebidas, olhando uma ou duas vezes para os recém-chegados para verem o que iriam fazer.

A dupla continuou diante da porta por mais algum tempo enquanto Flick olhava para os rostos da pequena multidão uma segunda vez, à procura do pai. O estranho encaminhou-se para as cadeiras, à esquerda.

— Vou sentar-me um pouco enquanto procuras o teu pai. Talvez possamos jantar juntos quando voltarem.

Sem comentar mais nada, dirigiu-se calmamente a uma pequena mesa ao fundo do bar e sentou-se de costas para os homens que estavam ao balcão, com o rosto um pouco baixo e voltado para o lado oposto de onde se encontrava Flick. Os homens do vale observaram o rapaz por momentos, e viram-no atravessar as portas duplas que davam para um corredor do outro lado do salão. O seu pai estaria, provavelmente, na cozinha, a jantar com Shea. Flick acelerou o passo no corredor, passando por várias portas fechadas antes de alcançar a que dava para a cozinha da estalagem. Quando entrou, os dois cozinheiros, que estavam a trabalhar, cumprimentaram-no com um animado “boa-noite”. O pai estava sentado à ponta de um balcão comprido, no lado esquerdo. Tal como Flick pensara, o pai terminava de jantar e acenou-lhe com a sua mão forte.

— Atrasaste-te mais do que o habitual — resmungou ele cordialmente. — Vem jantar enquanto ainda há comida.

Flick aproximou-se do pai, cansado, colocou a bolsa de viagem no chão com um ruído surdo e sentou-se num dos bancos altos do balcão. O seu corpulento pai endireitou-se, enquanto afastava o prato vazio e olhava para o jovem com um ar inquiridor, franzindo a testa.

— Encontrei um viajante na estrada que também vinha para o vale — explicou Flick hesitante. — Quer um quarto e comida, e pediu para nos juntarmos a ele.

— Bem, veio ter ao sítio certo — declarou o velho Ohmsford. — Não vejo motivos para não lhe fazermos companhia. Não me importaria nada de me servir de mais um prato.

Dizendo isto, levantou o seu considerável corpanzil do banco e fez sinal aos cozinheiros para lhes levarem três pratos à mesa. Flick procu-

rou Shea, mas ele não estava por ali. O pai aproximou-se pesadamente dos cozinheiros para lhes transmitir instruções especiais sobre a preparação do jantar para o pequeno grupo, e Flick dirigiu-se à pia perto do lava-louça para se lavar da terra e da sujidade do caminho. Quando o pai voltou a aproximar-se dele, Flick perguntou-lhe aonde é que o irmão tinha ido.

— O Shea foi fazer-me um recado e deve voltar a qualquer momento — respondeu. — Mas como se chama o homem que veio contigo?

— Não sei. Não me disse o nome — respondeu Flick, encolhendo os ombros.

O pai franziu a testa e resmungou qualquer coisa sobre estranhos calados; terminou o comentário abafado com a promessa de não aceitar mais tipos misteriosos na estalagem. Fazendo sinal ao filho para o seguir, saiu da cozinha, roçando com os ombros possantes na parede ao dirigir-se ao salão. Flick apressou-se a segui-lo, com uma expressão de apreensão.

O estranho continuava sentado em silêncio, de costas para os homens sentados ao balcão. Ao ouvir as portas ao fundo abrirem-se, mexeu-se para ver quem entrava e analisou a grande semelhança entre pai e filho. Eram ambos corpulentos e de estatura média, com a mesma expressão tranquila, os rostos largos e o cabelo castanho grisalho. Pararam sob a ombreira da porta e Flick apontou para a figura negra. O homem apercebeu-se da surpresa nos olhos de Curzad Ohmsford quando o dono da estalagem olhou para ele, por momentos, antes de se aproximar. O estranho levantou-se com cortesia, preparando-se para cumprimentar os dois Ohmsford que se aproximavam dele.

— Seja bem-vindo à minha estalagem, forasteiro — cumprimentou o Ohmsford mais velho, tentando em vão olhar por baixo do capuz que escondia o rosto escuro do outro. — Como o meu filho lhe deve ter dito, chamo-me Curzad Ohmsford.

O estranho apertou a mão estendida com uma força que levou o homem corpulento que o cumprimentava a fazer uma careta.

— O seu filho foi muito simpático em trazer-me para esta agradável estalagem — disse, acenando com a cabeça na direção de Flick enquanto exibia um sorriso que o rapaz podia jurar ser de gozo. — Espero que aceite jantar e beber uma cerveja comigo.

— Com todo o prazer — respondeu o dono da estalagem, passando

pelo outro para se dirigir a uma cadeira vazia, na qual se sentou pesadamente.

Flick também puxou uma cadeira e sentou-se, ainda olhando desconfiado para o estranho, que elogiava o seu pai por ter uma estalagem tão acolhedora. O Ohmsford mais velho resplandecia de satisfação e acenou, satisfeito, para Flick enquanto pedia três copos a um dos empregados do bar. O homem alto ainda não removera o capuz que lhe cobria o rosto. Flick queria espreitar-lhe a cara, envolta na escuridão, mas teve receio de que o estranho se apercebesse, e a primeira tentativa já lhe causara pulsos doloridos e levava-o a manter um respeito salutar pela força e pelo temperamento daquele homem. Era mais seguro continuar sem lhe ver o rosto.

Permaneceu sentado, em silêncio, enquanto a conversa entre o pai e o estranho ia passando dos comentários educados sobre o clima brando a uma discussão mais íntima sobre as pessoas e os acontecimentos do vale.

Flick notou que o pai, que nunca precisara de muito encorajamento para falar, ia permitindo que a conversa se baseasse inteiramente em algumas perguntas de ocasião feitas pelo outro homem. Provavelmente não tinha importância, mas os Ohmsford nada sabiam sobre o estranho. Ele nem sequer lhes dissera o seu nome, mas ia obtendo, subtilmente, informações sobre o vale onde vivia o inocente dono da estalagem. A situação perturbava Flick, mas ele não sabia bem o que fazer. Começou a desejar que Shea aparecesse e visse o que estava a acontecer, mas o irmão continuava ausente e o esperado jantar foi servido e consumido antes de uma das portas duplas da frente se abrir e Shea emergir da escuridão.

Pela primeira vez, Flick viu o estranho encapuzado demonstrar mais do que um interesse passageiro por alguém. Mãos fortes agarraram a mesa enquanto a figura sombria se levantava em silêncio, agigantando-se sobre os Ohmsford. Parecia ter-se esquecido de que eles estavam ali, franzindo ainda mais a testa, o que fez com que as suas feições enrugadas irradiassem uma intensa concentração. Por um assustador segundo, Flick pensou que o estranho se preparava para aniquilar Shea de alguma forma, mas esta impressão foi-se dissipando gradualmente, dando lugar a outra. O homem estava a ler a mente do seu irmão.

Fitava Shea intensamente, com os olhos encovados e obscurecidos,

percorrendo o semblante delgado e miúdo do alvo de toda a sua atenção. Identificou imediatamente as típicas feições élficas — as orelhas levemente pontiagudas sob o cabelo loiro desgrenhado; as sobrancelhas finas, como que desenhadas a lápis, subindo, em ângulo reto, a partir da cana do nariz e não da testa; e o nariz e o queixo finos. Via inteligência e honestidade naquele rosto, e agora que Shea se aproximava, também determinação nos penetrantes olhos azuis — uma determinação que se espalhava com o rubor que ia cobrindo as feições juvenis enquanto os dois homens se encaravam. Shea estacou por momentos, espantado com a aparição sombria e imensa do outro lado do salão. Sentiu-se inexplicavelmente encurralado, mas encheu-se de determinação e dirigiu-se à figura ameaçadora.

Flick e o pai aperceberam-se da aproximação de Shea, com os olhos ainda fixos no forasteiro alto, e, nesse momento, como que compreendendo subitamente quem ele era, levantaram-se ambos das cadeiras. Fez-se um momento de silêncio constrangedor enquanto os quatro se entreolhavam; depois, os três Ohmsford começaram a cumprimentar-se, com uma repentina confusão de palavras que aliviou a tensão inicial. Shea sorriu a Flick, mas não conseguia tirar os olhos da figura imponente diante dele. Shea era um pouco mais baixo do que o irmão e, portanto, ficava ainda mais à sombra do estranho, embora esse facto não o deixasse tão nervoso como o irmão ao olhar para o homem. Curzad Ohmsford fez-lhe perguntas sobre o recado que lhe tinha pedido para fazer, e a insistência do pai acabou por desviar momentaneamente a atenção do rapaz do estranho forasteiro. Após algumas observações, Shea voltou-se para o recém-chegado do vale.

— Não me parece que já tenhamos sido apresentados; mas o senhor parece reconhecer-me de algum lado e eu tenho a estranha sensação de que também deveria reconhecê-lo.

O rosto sombrio concordou enquanto exibia brevemente o já familiar sorriso zombeteiro.

— Talvez devesse reconhecer-me, apesar de não ser nenhuma surpresa não te lembrares. Mas eu sei quem tu és. Na verdade, conheço-te muito bem.

Shea ficou perplexo com a resposta e, incapaz de responder, encarou o estranho. O outro levou a mão fina ao queixo para coçar a curta barba negra, olhando demoradamente para os três homens, que esperavam

que ele prosseguisse. A boca aberta de Flick espelhava a pergunta na mente dos Ohmsford quando o forasteiro puxou o capuz para trás e revelou o rosto sombrio, envolto pelo longo cabelo negro, cortado à altura dos ombros, e os olhos fundos e escuros, que ainda pareciam pequenas fendas negras sob as grossas sobrancelhas.

— O meu nome é Allanon — anunciou ele, calmamente.

Instalou-se, por momentos, um longo e atónito silêncio, enquanto os três ouvintes se encaravam com assombro. Allanon — o misterioso nómada das quatro terras, historiador das raças, filósofo e professor, e, no dizer de alguns, praticante das artes místicas. Allanon, o homem que estivera em todo o lado, desde os portos mais sombrios de Anar até às alturas proibitivas das Montanhas Charnal. Até os povos das comunidades mais isoladas das Terras do Sul conheciam o seu nome. E, naquele momento, ali estava ele, inesperadamente diante dos Ohmsford, que muito raramente nas suas vidas se tinham aventurado para longe do seu vale de origem.

Allanon sorriu calorosamente pela primeira vez, mas no seu íntimo sentia pena deles. A tranquila existência que tinham conhecido durante tantos anos terminara, e, de certa forma, por sua culpa.

— O que o traz até aqui? — acabou por perguntar Shea.

O homem alto fitou-o intensamente e soltou uma gargalhada grave e profunda, que apanhou toda a gente de surpresa.

— Tu, Shea — murmurou ele. — Vim à tua procura.

## Capítulo II

Shea acordou cedo na manhã seguinte, levantando-se do calor da sua cama para se vestir à pressa, sob o frio húmido do ar matinal. Descobriu que se levantara tão cedo que mais ninguém na estalagem, fosse hóspede ou membro da família, estava acordado. A comprida construção encontrava-se mergulhada no silêncio quando ele passou do seu pequeno quarto, nos fundos da parte principal do edifício, para o grande salão, onde logo acendeu o fogo na lareira de pedra com os dedos quase dormentes de frio. O vale era sempre surpreendentemente frio no

início da manhã, antes de o Sol alcançar o alto das colinas, mesmo durante as estações mais quentes do ano.

O Vale Sombrio era bem protegido, não somente dos olhos dos homens, mas da fúria das condições climáticas adversas que vinham das Terras do Norte. Ainda assim, apesar de as fortes tempestades do inverno e da primavera não atingirem o vale, o intenso frio das manhãs assentava nas colinas altas o ano inteiro até a calidez do Sol do meio-dia vir espantá-lo.

O fogo crepitava e fazia estalar a madeira enquanto Shea relaxava numa das cadeiras altas de espaldar direito e refletia sobre os acontecimentos da noite anterior. Recostou-se, cruzou os braços para se aquecer e encolheu-se na madeira pesada da cadeira. Como poderia Allanon conhecê-lo? Ele saíra do vale pouquíssimas vezes e certamente lembrar-se-ia do outro homem se o tivesse encontrado em alguma das suas raras viagens. Allanon recusara-se a falar mais sobre o assunto depois da sua última afirmação. Terminara o jantar em silêncio, deixando claro que esclareceria tudo na manhã seguinte, e voltou a ser a figura ameaçadora que Shea tinha visto ao entrar na estalagem, naquela noite. Após a refeição, pediu para lhe indicarem o quarto e recolheu-se. Nem Shea nem Flick conseguiram que ele dissesse mais uma palavra sobre a viagem até ao Vale Sombrio e o seu interesse por Shea. Os dois irmãos conversaram mais tarde, naquela noite, e Flick contou-lhe a história do encontro com Allanon e o incidente com a aterradora sombra.

Tornou a concentrar-se na questão inicial: como poderia Allanon conhecê-lo? Reviu mentalmente os acontecimentos da sua vida. As memórias dos seus primeiros anos de vida eram vagas: não sabia onde tinha nascido, fora adotado pelos Ohmsford ainda muito novo e a família contou-lhe apenas que nascera numa pequena comunidade nas Terras do Oeste. O seu pai morrera antes de Shea ter tido a possibilidade de reter uma imagem duradoura dele; o jovem já não conseguia recordar quase nada da figura paterna. A mãe acompanhara-o por mais algum tempo, e ele recordava fragmentos dos anos que tinha passado com ela, a brincar com as crianças élficas, cercado por árvores altas e uma solidão verdejante. Tinha cinco anos de idade quando a mãe adoeceu subitamente e decidiu voltar para junto do seu povo, na aldeia do Vale Sombrio. Deve ter pressentido que estava prestes a morrer, mas a sua preocupação prin-

cipal era o filho. A viagem para o Sul fora muito dura para ela, que falecera logo após a sua chegada ao vale.

Os parentes que a mãe deixara no vale, ao casar-se, também tinham morrido, exceto os Ohmsford, que eram apenas primos distantes. Curzad Ohmsford tinha perdido a esposa há menos de um ano e criava Flick, o seu filho, sozinho, gerindo simultaneamente a estalagem. Shea tornou-se parte da família e as duas crianças cresceram como irmãos, ambos com o apelido Ohmsford. Shea nunca soube qual era o seu apelido de nascimento, nem se preocupara em perguntar. Os Ohmsford eram a única família com quem ele se importava e eles tinham-no aceitado como um dos seus. Havia momentos em que ser mestiço o perturbava, mas Flick insistia que isso era uma vantagem, pois possuía os instintos e a índole de duas raças para se desenvolver.

Mas apesar do esforço de memória, não conseguia lembrar-se de nenhum encontro com Allanon. Era como se o dito encontro nunca tivesse acontecido de facto. E talvez não tivesse mesmo. Remexeu-se na cadeira e olhou distraidamente para a lareira. Havia alguma coisa naquele nómada tenebroso que o assustava. Talvez fosse só imaginação, mas tinha a sensação de que o homem conseguia, de alguma forma, ler-lhe os pensamentos; ver através dele sempre que quisesse. Parecia ridícula, mas a ideia perdurava na sua mente desde o encontro no salão da estalagem. Flick também sentira o mesmo. E fora mais além, sussurrando-lhe na escuridão do quarto, com medo de ser ouvido de alguma forma, que achava que Allanon era perigoso.

Espreguiçou-se e soltou um suspiro profundo. O dia já clareava, lá fora. Levantou-se para pôr mais lenha na lareira e ouviu a voz do pai no corredor. Resmungava, em voz alta, sobre assuntos quotidianos. Suspirando de resignação, Shea abandonou os seus pensamentos e apressou-se a ajudar nas tarefas matinais da cozinha.

Era quase meio-dia quando finalmente viu Allanon, que tinha um ar evidente de quem permanecera no quarto durante toda a manhã. Allanon apareceu de repente, saindo de um dos lados da estalagem, quando Shea descansava sob a sombra de uma árvore enorme nos fundos do edifício, tomando um segundo pequeno-almoço que preparara para si. O seu pai estava ocupado dentro do edifício e Flick saíra para lhe fazer um recado qualquer. O estranho sombrio da noite anterior não parecia menos ameaçador à luz do Sol. Continuava a ser uma figura tenebrosa,

de altura considerável, apesar de parecer ter trocado o manto negro por outro, cinzento-claro. Aproximou-se de Shea com a cara magra ligeiramente virada para baixo e sentou-se na relva, ao lado do morador do vale, olhando distraidamente para o alto das colinas a leste, que apareciam acima das árvores da aldeia. Os dois permaneceram em silêncio por longos minutos, até Shea não conseguir resistir mais tempo.

— Porque é que veio para o vale, Allanon? Porque me procurava?

O rosto sombrio voltou-se para o jovem e um leve sorriso desenhou-se nas feições magras.

— É uma pergunta, meu jovem amigo, que não pode ser tão facilmente respondida como gostarias. Talvez a melhor forma de te responder seja fazendo-te uma pergunta primeiro. Já leste alguma coisa sobre a história das Terras do Norte? — perguntou Allanon, fazendo uma pausa. — Conheces o Reino da Caveira?

Shea indignou-se com a menção daquele nome — um nome que era sinónimo de todas as coisas horríveis na vida, reais ou imaginárias; um nome usado para assustar criancinhas traquinas, ou adultos, com histórias contadas à beira da fogueira. Era um nome que evocava fantasmas e diabos; gnomos astutos da floresta do Leste e grandes trolls de pedra no Norte. Shea olhou para o semblante sombrio à sua frente e assentiu lentamente. Allanon manteve-se em silêncio durante algum tempo antes de continuar.

— Eu sou um historiador, Shea, entre outras coisas; talvez o historiador vivo mais viajado dos dias de hoje, já que poucos além de mim entraram nas Terras do Norte nos últimos quinhentos anos. Conheço coisas sobre a raça dos homens que ninguém mais imagina. O passado tornou-se uma vaga lembrança, e talvez seja melhor assim, porque a história dos homens não foi particularmente gloriosa nos últimos dois mil anos. Os homens de hoje esqueceram-se do passado; sabem pouco sobre o presente e menos ainda do futuro. A Humanidade vive quase apenas nos confins das Terras do Sul. Não sabe nada sobre as Terras do Norte e os seus povos, e pouco sobre as Terras do Leste e do Oeste. É lamentável que se tenham tornado pessoas de visão tão limitada, pois já foram a raça mais visionária de todas. Mas agora contentam-se em viver longe das outras raças, isolados dos problemas do resto do mundo. Permanecem satisfeitos porque esses problemas ainda não os alcançaram e porque o medo do passado os persuadiu a não encararem o futuro.

Shea sentiu-se algo irritado com tantas acusações e a sua resposta foi cortante.

— O senhor fala como se fosse uma coisa terrível querer permanecer em paz. Eu conheço a história o suficiente... ou melhor, conheço a vida o suficiente para saber que a única esperança de sobrevivência da Humanidade é continuar longe das outras raças, para reconstruir tudo o que foi perdido nos últimos dois mil anos. Portanto, talvez a Humanidade seja inteligente o bastante para não perder tudo pela segunda vez. Quase se autodestruuiu durante as Grandes Guerras pela intervenção persistente nos assuntos dos outros e a fraca rejeição das políticas de isolamento.

O rosto sombrio de Allanon mostrou-se tenso.

— Tenho plena consciência das consequências catastróficas que essas guerras trouxeram, produtos do poder e da ganância que a raça dos homens causou a si mesma por meio de uma combinação de imprudência e de falta de visão impressionantes. Isso aconteceu há muito tempo. E o que mudou desde então? Achas que a Humanidade pode começar de novo, não é, Shea? Bem, talvez te surpreendas se eu te disser que algumas coisas nunca mudam e que os perigos do poder estão sempre presentes, até para uma raça que quase se autodestruuiu. As Grandes Guerras do passado podem ter terminado, as guerras entre raças, políticas e nacionalismo, e as guerras de energia pura, pelo poder absoluto. Mas nós enfrentamos novos perigos agora, e esses perigos são uma ameaça muito maior para a existência das raças do que os do passado! Se achas que o Homem é livre para construir uma nova vida enquanto o resto do mundo permanece à deriva, então não sabes nada de História! — exclamou Allanon, fazendo uma pausa súbita, com as feições sombrias contraídas de raiva. Shea encarou-o com uma atitude de desafio, embora se sentisse pequeno e assustado por dentro. — Chega — retomou Allanon, com uma expressão mais suave quando a sua mão forte se ergueu e pousou no ombro de Shea, em sinal de amizade. — Não podemos mudar o passado, e é com o futuro que devemos preocupar-nos. Deixa-me refrescar-te a memória por um momento, contando-te a história das Terras do Norte e a lenda do Reino da Caveira. Como certamente sabes, as Grandes Guerras puseram fim a uma época em que os homens eram a raça dominante. Foram quase aniquilados e até a geografia que conheciam foi completamente alterada e reestruturada. Os países, as nações e os governos dei-

xaram de existir quando os últimos membros da raça humana partiram para o Sul para poderem sobreviver. Passaram-se quase mil anos até os homens conseguirem voltar a sobrepor-se aos animais que caçavam e estabelecer um tipo de civilização progressiva. Era primitiva, claro, mas havia ordem e alguma semelhança com um governo. E então, a Humanidade descobriu que o mundo também era habitado por outras espécies; criaturas que sobreviveram às Grandes Guerras e desenvolveram as próprias raças. Nas montanhas, existiam os gigantescos trolls, seres poderosos e ferozes, mas satisfeitos com o que tinham. Nas colinas e florestas, existiam as pequenas e astutas criaturas a que chamamos gnomos. Os homens e os gnomos travaram muitas batalhas pelo direito ao território nos anos que se seguiram às Grandes Guerras, e as lutas causaram perdas para ambas as espécies. Lutaram pela sobrevivência, e não há espaço para o bom senso na mente de uma criatura que luta pela própria vida. O Homem também descobriu que existia outra raça dentro da sua espécie: a dos homens que fugiram para debaixo da terra com o objetivo de escapar aos efeitos das Grandes Guerras. Após anos a viverem em grandes cavernas sob a crosta da terra e longe da luz do Sol, a sua aparência alterou-se. Tornaram-se baixos e atarracados, com braços e peitos poderosos e pernas fortes e grossas para escalar e escavar o subterrâneo. A sua capacidade de visão no escuro tornou-se superior à das outras criaturas, mas pouco viam à luz do Sol. Viveram debaixo da terra durante centenas de anos, até que, finalmente, voltaram a emergir e passaram novamente a viver à superfície. No início, como a sua capacidade de visão era muito má, resolveram construir casas nas florestas mais escuras das Terras do Leste. Tinham desenvolvido a sua própria linguagem, mas mais tarde voltaram a adotar a linguagem humana. Quando os homens descobriram os últimos indivíduos dessa raça perdida, chamaram-lhes “anões”, por causa de uma raça fictícia dos tempos antigos.

Allanon calou-se e permaneceu em silêncio por alguns minutos, olhando para o alto das colinas, que exibiam um tom verde e brilhante à luz do Sol. Shea refletiu sobre as observações do historiador. Nunca vira um troll; apenas um ou dois gnomos e anões, mas não se lembrava muito bem deles.

— E os elfos? — perguntou, por fim.

Allanon olhou para ele pensativo e baixou mais um pouco a cabeça.

— Ah, sim, não me esqueci deles. É uma espécie impressionante, a

dos elfos. Talvez sejam o povo mais importante de todos, embora nunca ninguém se tenha apercebido disso. Mas é melhor deixarmos a lenda do povo elfo para mais tarde; digamos apenas que sempre estiveram nas grandes florestas das Terras do Oeste, apesar de, hoje em dia, as outras raças raramente os encontrarem. Agora, vejamos o que sabes sobre as Terras do Norte, meu jovem amigo. Hoje em dia, é uma terra habitada quase exclusivamente pelos trolls. É um território estéril e perigoso que poucos indivíduos de qualquer espécie se atrevem a visitar, e muito menos a estabelecer-se por lá. Já os trolls, é claro, foram criados para sobreviver nesse território. Atualmente, os homens vivem no calor e conforto do clima ameno e terreno verdejante das Terras do Sul. Esqueceram que as Terras do Norte também já foram habitadas por criaturas de todas as espécies, não apenas os trolls, nas regiões montanhosas, mas também eles próprios, os anões e os gnomos, nas planícies e florestas. Foi na época em que todas as espécies começavam a construir uma nova civilização, com ideias, leis e muitas culturas novas. O futuro era muito promissor, mas os homens de hoje esqueceram que aquela época existiu; esqueceram que são mais que uma raça derrotada a tentar viver longe daqueles que os abateram e lhes feriram o orgulho. Naquele tempo, não existiam fronteiras entre os países. Era uma terra renascida, onde cada espécie tinha uma segunda oportunidade para construir o mundo. Porém, é evidente que perceberam a importância de tal oportunidade. Estavam demasiado preocupados em manter o que julgavam possuir e em construir os seus pequenos mundos separados. Nos anos que se seguiram, todas as espécies estavam destinadas a serem o poder dominante, batendo-se como um bando de ratos que protegiam, enraivecidos, um pedaço imprestável de queijo rançoso. E o Homem, e toda a sua glória, também mostrava os dentes — e de que maneira! — e esfalfava-se diante daquela oportunidade, exatamente como os outros. Sabias disto, Shea?

O jovem do vale fez que não com a cabeça, lentamente, incapaz de acreditar que o que ouvia pudesse ser verdade. Tinham-lhe ensinado que o Homem fora um povo perseguido desde as Grandes Guerras, lutando para manter vivas a sua dignidade e a sua honra e para proteger o pouco de terra que possuía da selvajaria das outras espécies. Nessas batalhas, a raça humana nunca fora a opressora, mas sempre a oprimida. Allanon sorriu sombriamente, os lábios retorcendo-se de satisfação zombeteira ao ver o efeito que as suas palavras haviam tido em Shea.

— Vejo que não sabias que as coisas se tinham passado desta forma. Mas não importa. Esta é a menor das surpresas que te reservo. A Humanidade nunca foi o grande povo que pensou ser. Naquele tempo, os homens lutavam como as outras espécies, embora eu admita que talvez tivessem uma noção de honra mais desenvolvida e um propósito mais claro de reconstrução do que algumas das outras raças, além de serem mais civilizados — disse Allanon, acentuando a palavra ao pronunciá-la e enchendo-a de um sarcasmo indisfarçado. — Contudo, todas estas considerações têm muito pouco a ver com o ponto principal da nossa conversa, que espero deixar claro em breve. Foi mais ou menos nessa época, em que as espécies se descobriram umas às outras e se bateram pela supremacia, que o Conselho Druida abriu pela primeira vez os salões de Paranor, na parte baixa das Terras do Norte. A história sobre as origens e os propósitos dos Druidas é muito vaga, porém acredita-se que eram um grupo extremamente culto de elementos de todas as espécies, peritos em muitas das artes perdidas do mundo antigo. Eram filósofos e visionários, estudiosos de todas as artes e ciências, e eram, principalmente, os educadores dos povos. Eram eles que distribuíam o poder de obter novos conhecimentos sobre a vida. Eram liderados por um homem chamado Galaphile, um historiador e filósofo como eu, que convocou os melhores cérebros da terra para formarem um conselho e estabelecerem a paz e a ordem. Este homem confiava que os conhecimentos do grupo o levariam a sobrepor-se às espécies e que as suas competências no âmbito da distribuição do conhecimento lhe granjeariam a confiança das pessoas. Os Druidas foram uma força muito poderosa durante esses anos, e o plano de Galaphile parecia estar a resultar como ele tinha previsto. No entanto, com o passar do tempo, tornou-se evidente que alguns membros do Conselho possuíam poderes que superavam em muito os dos outros; poderes que estavam adormecidos e ganharam força com mentes geniais. Seria difícil explicar-te estes poderes sem demorar muito mais tempo do que aquele de que dispomos. O mais importante é que saibas que alguns dos elementos que possuíam as mentes mais geniais do Conselho convenceram-se de que estavam destinados a moldar o destino das espécies. Acabaram por se separar do Conselho para formarem o seu próprio grupo, desaparecendo e remetendo-se ao esquecimento durante algum tempo. Cerca de cento e cinquenta anos mais tarde, eclodiu uma guerra civil terrível no seio da espécie humana, que acabou

por desembocar na Primeira Guerra das Raças, como os historiadores lhe chamaram. A sua causa sempre foi incerta, mesmo naquele tempo, e já quase foi esquecida. Resumindo, alguns indivíduos da espécie humana revoltaram-se contra os ensinamentos do Conselho e formaram um exército muito poderoso e bem treinado. O objetivo proclamado da revolta era subjugar o resto dos homens a um governo central, para garantir a melhoria da espécie e o incremento do seu orgulho enquanto povo. No final, quase todos os grupos da espécie se juntaram à nova causa e foi iniciada a guerra contra as outras espécies, aparentemente para concretizar esse novo objetivo. A figura central por detrás da guerra era um homem chamado Brona, um termo arcaico da linguagem dos gnomos para “Mestre”. Dizia-se que era o líder dos Druidas do primeiro Conselho, que se desintegrou e desapareceu nas Terras do Norte. Nunca foi encontrada nenhuma fonte fiável que provasse ter falado com este homem ou tê-lo avistado, e, no fim, concluiu-se que Brona era apenas um nome, um personagem fictício. A insurreição, se quisermos dar-lhe esse nome, acabou por ser esmagada pelas forças conjuntas dos Druidas e das outras raças aliadas. Sabias disto, Shea?

O rapaz do vale concordou com a cabeça e exibiu um sorriso tímido.

— Ouvi falar sobre o Conselho Druida e sobre o seu objetivo e trabalho. É uma história antiga, já que o Conselho acabou há muito tempo. E ouvi falar também sobre a Primeira Guerra das Raças, embora não da maneira como o senhor a relatou. Talvez considere a minha versão tendenciosa. A guerra foi uma lição amarga para a Humanidade. — Allanon aguardou pacientemente que Shea refletisse sobre o que sabia do passado antes de continuar. — Sei que os sobreviventes da nossa raça partiram para o Sul uma vez terminada a guerra e permanecem lá desde então, tendo reconstruído as casas e as cidades que tinham perdido e tentando criar vida em vez de a destruírem. O senhor parece pensar que se tratou de um isolamento nascido do medo, mas eu acredito que era e ainda é a melhor maneira de se viver. Os governos centralizados sempre foram o maior dos perigos para a Humanidade. Agora já não há qualquer perigo; a nova lei da vida são as pequenas comunidades. É melhor para todos deixarmos certas coisas como estão.

O homem alto soltou uma gargalhada cavernosa, desprovida de humor, que fez Shea sentir-se um tolo.

— Sabes muito pouco, embora seja verdade o que disseste. As ver-

dades absolutas, meu jovem amigo, são as filhas inúteis de uma visão retrospectiva. Bem, não pretendo discutir agora contigo as subtilezas da reforma social, e muito menos o ativismo político. Vamos ter de deixar isso para outra altura. Conta-me o que sabes sobre a criatura chamada Brona. Talvez... Não, espera... Vem aí alguém.

Allanon mal tinha acabado de falar quando a figura corpulenta de Flick dobrou a esquina da estalagem. O jovem do vale parou abruptamente ao ver Allanon, e hesitou até Shea lhe acenar. Aproximou-se com cautela e permaneceu de pé, vendo o rosto sombrio do homem alto sorrir-lhe indolentemente, com os cantos da boca arrebitados daquela forma enigmática que já lhe era familiar.

— Começava a perguntar-me aonde é que te tinhas metido — disse Flick, dirigindo-se ao irmão. — Não queria interromper...

— Não estás a interromper nada — apressou-se a responder Shea.

Porém, Allanon parecia discordar.

— A conversa que estávamos a ter é só para os teus ouvidos — declarou ele, categoricamente. — Se o teu irmão escolher ficar, estará a decidir o seu próprio destino para os dias que virão. Sugiro fortemente que ele não permaneça aqui, que não ouça o resto da nossa discussão e que esqueça que nos viu a conversar. Mas claro que a escolha é dele...

Os dois irmãos entreolharam-se, sem conseguirem acreditar que o homem alto estava a falar a sério. Contudo, o seu rosto sombrio indicava que não estava a brincar, e os dois rapazes hesitaram por um instante, relutantes em dizerem o que quer que fosse. Foi Flick quem acabou por quebrar o silêncio.

— Não faço ideia de que é que estavam a conversar, mas o Shea e eu somos irmãos e o que diz respeito a um de nós inclui o outro. Se ele tem algum problema, deve partilhá-lo comigo. É esta a minha escolha, e não tenho qualquer dúvida quanto a isso.

Shea olhou para o irmão, surpreendido. Nunca vira Flick ser tão assertivo no que quer que fosse em toda a sua vida. Sentiu-se orgulhoso do irmão e sorriu-lhe, grato. Flick retribuiu com uma piscadela de olho e sentou-se imediatamente, sem olhar para Allanon. O nómada cofiou a barba curta e negra com a mão esguia e fez um sorriso inesperado.

— É verdade que a escolha é tua e, com essas palavras, provaste ser um ótimo irmão. Mas o que conta são os atos, e podes vir a arrepender-te nos próximos dias da escolha que fizeste... — O homem fez uma

pausa, perdido nos seus pensamentos, analisando a cabeça baixa de Flick por longos minutos antes de se virar para Shea. — Bem, não posso recomeçar a minha história só para o teu irmão ouvir. Ele terá de nos acompanhar da melhor forma que puder. Conta-me, então, o que sabes sobre Brona.

Shea pensou durante alguns minutos.

— Na verdade, não sei quase nada — disse, encolhendo os ombros. — Brona era um mito, como o senhor disse, o líder fictício da revolta da Primeira Guerra das Raças. Deve ter sido um Druida que abandonou o Conselho e usou o seu poder maléfico para controlar a mente dos seus seguidores. Nunca foi visto nem foi capturado ou morto na batalha final. Do ponto de vista histórico, nunca existiu.

— Historicamente preciso, como seria de esperar — resmungou Allanon. — O que sabes sobre a ligação dele à Segunda Guerra das Raças?

A pergunta provocou um leve sorriso na face de Shea.

— Bem, segundo reza a lenda, ele foi a força central por detrás dessa guerra também, mas isso veio a revelar-se outro mito. Supostamente, fora ele que organizara os exércitos dos homens na Primeira Guerra, mas, daquela vez, chamaram-lhe Lorde Feiticeiro; o equivalente maléfico do Druida Bremen. Porém, supõe-se que Bremen o tenha matado durante a Segunda Guerra. Mas tudo isso é só imaginação. — Flick apressou-se em assentir com a cabeça, concordando, mas Allanon não disse nada. Shea esperava algum tipo de confirmação, claramente compenetrado no tema. — Mas afinal aonde é que nos leva esta conversa toda? — perguntou, momentos depois.

Allanon olhou para ele com um ar severo, arqueando uma sobrancelha escura enquanto pensava.

— A tua paciência é notavelmente limitada, Shea. Afinal, numa questão de minutos recordámos toda a História de mais de mil anos. Mas se achares que consegues controlar-te por mais algum tempo, creio que posso prometer-te que responderei à tua pergunta.

Shea assentiu com a cabeça, mortificado com a reprimenda. Não foram as palavras que o magoaram, mas a forma como Allanon as disse — com aquele sorriso zombeteiro e o sarcasmo mal disfarçado. No entanto, o rapaz recuperou a compostura rapidamente e controlou a ansiedade, permitindo que o historiador continuasse ao seu próprio ritmo.

— Muito bem... — disse o seu interlocutor. — Tentarei terminar a

nossa conversa rapidamente. Tudo o que dissemos até aqui é o pano de fundo para o que vou contar agora; a razão pela qual vim à tua procura. Deixa-me lembrar os factos da Segunda Guerra das Raças, a guerra mais recente na nova História da Humanidade, que aconteceu há menos de quinhentos anos, nas Terras do Norte. A espécie humana não participou nesta guerra; era a raça derrotada da Primeira e agora vivia no coração das Terras do Sul, em poucas e pequenas comunidades que tentavam, com muito esforço, sobreviver à ameaça da extinção total. Esta foi uma guerra entre as grandes espécies. Tratou-se da luta do povo élfico e dos anões contra o poder dos selvagens trolls de pedra e dos astuciosos gnomos.

»Terminada a Primeira Guerra das Raças, o mundo conhecido dividiu-se nas quatro terras existentes, e as espécies mantiveram a paz por um período de tempo. Durante esse período, o poder e a influência do Conselho Druida diminuíram drasticamente, quando a evidente necessidade da sua ajuda pareceu deixar de existir. É justo acrescentar que os Druidas se tinham tornado negligentes em relação às espécies, e durante muitos anos os novos membros esqueceram os propósitos do Conselho e afastaram-se dos problemas dos povos, dando primazia a questões mais pessoais e remetendo-se a uma existência mais isolada, de estudo e meditação. O povo élfico era o mais poderoso, mas preferia deixar-se estar na sua terra natal, no Oeste, onde se contentava com a permanência em relativo isolamento, erro este do qual os seus membros viriam a arrepender-se profundamente. Os outros povos espalharam-se e desenvolveram sociedades menos unificadas e de menores dimensões, principalmente nas Terras do Leste, embora alguns grupos se tenham estabelecido em certas zonas das cidades fronteiriças das Terras do Oeste e do Norte. A Segunda Guerra das Raças começou quando um enorme exército de trolls desceu das Montanhas Charnal e invadiu todo o território das Terras do Norte, incluindo a Fortaleza dos Druidas de Paranor. Os Druidas foram traídos por vários membros do seu próprio povo, que tinham sido aliciados com promessas e ofertas do comandante inimigo, então desconhecido. Tirando os poucos que escaparam ou andavam em viagem, os restantes foram capturados e presos nas masmorras do forte para nunca mais serem vistos. Aqueles que escaparam ao destino dos seus irmãos, espalharam-se pelas quatro terras à procura de refúgio. O exército troll atacou imediatamente o povo anão nas Terras do Leste,

com a intenção óbvia de esmagar toda a resistência o mais rapidamente possível. Contudo, os anões juntaram-se nas profundezas das grandes florestas de Anar, que só eles conheciam o suficiente para garantirem a sua sobrevivência por muito tempo, e lá resistiram, firmes, aos avanços dos exércitos dos trolls, apesar da ajuda de algumas tribos de gnomos que se juntaram às forças invasoras. Raybur, o Rei Anão, identificou na História do seu povo a pessoa que ele descobrira ser o verdadeiro inimigo: Brona, o Druida rebelde.

— Como é que o Rei Anão pôde acreditar nisso? — interrompeu Shea. — Se fosse verdade, o Lorde Feiticeiro teria mais de quinhentos anos de idade! De qualquer forma, talvez algum místico ambicioso tenha sugerido a ideia ao rei, na esperança de fazer reviver um mito antigo e ultrapassado, provavelmente para aumentar sua influência na corte, ou algo do género.

— É uma possibilidade — admitiu Allanon. — Mas deixa-me continuar. Depois de longos meses de luta, os trolls acabaram por se convencer de que os anões tinham sido derrotados e voltaram as suas legiões para oeste, iniciando a marcha contra o poderoso reino élfico. Mas, durante os meses em que os trolls se mantiveram em guerra com o povo anão, os poucos Druidas que escaparam de Paranor foram reunidos pelo famoso místico Bremen, um ancião muito conceituado no Conselho, que os guiou até ao reino élfico, nas Terras do Oeste, para avisar o povo dessa nova ameaça e prepará-lo para a invasão quase certa do exército que vinha do Norte. Naquela altura, o Rei dos Elfos era Jerle Shannara, possivelmente o maior de todos os reis daquele povo, com a exceção de Eventine. Bremen alertou o rei para o provável ataque às suas terras, e o governante elfo apressou-se a preparar as forças armadas, antes que as hordas dos trolls chegassem às fronteiras. Deves ter conhecimentos de História suficientes para saberes o que aconteceu quando a batalha foi travada, Shea, mas quero que prestes atenção aos detalhes que vou contar-te agora.

Tanto Shea quanto um entusiasmado Flick concordaram.

— O Druida Bremen deu a Jerle Shannara uma espada especial para a batalha contra os trolls. Quem quer que empunhasse essa espada seria invencível, mesmo contra o incrível poder do Lorde Feiticeiro. Quando entraram no Vale de Rhenn, junto à fronteira do reino dos elfos, as legiões dos trolls foram atacadas e caíram numa armadilha montada pelos

exércitos dos elfos, que lutavam em terreno mais elevado, e sofreram uma pesada derrota numa acesa batalha de dois dias. Os elfos foram liderados pelos Druidas e por Jerle Shannara, que empunhava a extraordinária espada que Bremen lhe tinha dado. Elfos e Druidas combateram, juntos, os exércitos dos trolls, e dizia-se que a sua força tinha sido aumentada por seres do mundo dos espíritos que se encontravam sob o domínio do Lorde Feiticeiro. Mas a coragem do Rei Elfo e o poder da fabulosa espada sobrepujaram os espíritos, destruindo-os. Quando o resto do exército troll tentou escapar para a segurança das Terras do Norte, pela Planície de Streleheim, viu-se entre o exército dos elfos, que perseguia os inimigos em debandada, e um exército de anões, que se aproximava vindo das Terras do Leste. As forças travaram uma batalha terrível, e o exército troll foi massacrado quase até ao último homem. Durante a batalha, Bremen desapareceu enquanto combatia ao lado do Rei Elfo, lutando contra o Lorde Feiticeiro. Foi relatado que tanto o Druida como o Feiticeiro desapareceram durante a luta e nenhum dos dois voltou a ser visto. Nem os cadáveres foram encontrados.

»Jerle Shannara empunhou a famosa espada até à sua morte, que ocorreu alguns anos mais tarde. O seu filho devolveu a arma ao Conselho Druida, em Paranor, e ela foi cravada num enorme bloco de rocha-tre e guardada num cofre na Fortaleza dos Druidas. Vocês devem conhecer bem a lenda da espada, e saberão, certamente, o que ela representa, o que ela significa para todas as espécies. A grande espada descansa em Paranor há quinhentos anos. Fui suficientemente claro na minha narrativa, homens do vale?

Flick assentiu com assombro, ainda empolgado com a história. Shea, porém, concluíra que já ouvira demasiado. Nada do que Allanon lhes tinha contado sobre a História das raças era factual — não se ele acreditasse em tudo o que lhe fora ensinado pelo seu povo desde a infância. O homem alto apenas relatara uma história fantástica que Shea ouvia desde criança e era transmitida de geração em geração desde há muitos, muitos anos. Ouviu, paciente, tudo o que Allanon apresentara falsamente como sendo a verdade sobre as raças, satisfazendo-lhe a vontade apenas por respeito pela sua reputação. Contudo, a lenda da espada era ridícula, e Shea estava farto de ser tratado como um tolo.

— Mas o que é que tudo isto tem a ver com a sua vinda para o Vale Sombrio? — insistiu ele, com um sorriso contrafeito, que traía a sua in-

dignação. — Ouvimos tudo o que tinha a dizer-nos sobre uma batalha que aconteceu há quinhentos anos; uma batalha que nem sequer teve a ver com os homens, mas com trolls, elfos e anões, e sabe-se lá mais quem, como o senhor disse. Contou-nos que havia espíritos nessa história, ou coisa que o valha? Lamento se pareço incrédulo, mas acho tudo isto um bocado difícil de engolir. Todas as espécies conhecem a lenda da espada de Jerle Shannara, mas trata-se de ficção, não de factos; uma epopeia lendária, criada para incutir as noções da lealdade e do dever nas raças que fazem parte dessa história. A lenda de Shannara é uma história para crianças que conta como os adultos devem amadurecer para aceitar as responsabilidades da Humanidade. Porque é que perdeu o seu tempo relatando-me esse conto de fadas, quando tudo o que pretendo é uma simples resposta a uma pergunta ainda mais simples? Porque é que andava à procura... de *mim*?

Shea calou-se quando viu as feições sombrias de Allanon endurecerem e enegrecerem de raiva, com as grandes sobrancelhas a eriçarem-se sobre repentinos pontos de luz, por cima das sombras profundas que lhe escondiam os olhos. Aquele homem alto parecia travar uma batalha para conter uma terrível fúria interior, e, por momentos, Shea pensou que ele fosse estrangulá-lo com as enormes mãos que se abriram diante do seu rosto enquanto o homem o fitava com raiva. Flick deu, apressadamente, um passo atrás e tropeçou nos próprios pés, o medo a crescer dentro de si.

— Cretino... Meu cretino! — rugiu o gigante, com uma fúria quase descontrolada. — Vocês sabem tão pouco... Crianças! O que é que a raça dos homens sabe da verdade? O que fez a Humanidade, para além de se esconder, rastejando de medo em esconderijos lastimáveis nas regiões mais profundas das Terras do Sul, como coelhos assustados? Ousas dizer-me que o que te digo são contos de fadas?! Tu, que nunca combatestes em nenhuma guerra e sempre te mantiveste são e salvo aqui, no teu precioso vale! Vim procurar a linhagem dos reis, mas encontrei um rapazola que se esconde debaixo de mentiras. Não passas de uma criança!

Flick desejou fervorosamente que o chão se abrisse sob os seus pés e o engolisse, ou simplesmente que um milagre o fizesse desaparecer, quando, para seu enorme espanto, viu Shea fazer frente ao homem alto com as finas feições coradas de raiva e os punhos cerrados, preparado para lutar. O rapaz do vale estava tão dominado pela raiva que não con-

seguia falar, e mantinha-se diante do acusador, tremendo de fúria e humilhação. Mas Allanon não se mostrou impressionado e voltou a falar, num tom profundo:

— Espera, Shea. Não seas ainda mais cretino! Toma atenção ao que te vou dizer agora. Tudo o que te contei atravessou os tempos como lenda e dessa maneira foi transmitido à raça humana. Mas o tempo dos contos de fadas acabou. O que te contei não é lenda, é a verdade. A espada é real, continua em Paranor. Mas o mais importante de tudo é que o Lorde Feiticeiro também é real! Ainda está vivo e o Reino da Caveira é o seu domínio!

Shea sobressaltou-se ao perceber que, afinal, o homem não estava a mentir-lhe deliberadamente; que, para ele, aquilo não era um conto de fadas. Acalmou-se e sentou-se lentamente, com os olhos ainda fixos no rosto sombrio. De repente, lembrou-se das palavras do historiador.

— Falou de reis... Disse que estava à procura de uma linhagem real...?

— Como é a lenda da Espada de Shannara, Shea? O que diz a inscrição cravada no bloco da rocha-tre?

Shea ficou perplexo, incapaz de se lembrar da lenda.

— Não sei... Não consigo lembrar-me do que dizia a inscrição. Era alguma coisa sobre a próxima vez...

— Um filho! — exclamou Flick de repente, do outro lado. — Quando o Lorde Feiticeiro surgir novamente na Terra do Norte, um filho da Casa de Shannara empunhará a espada contra ele. Essa era a lenda!

Shea olhou para o irmão, lembrando-se, finalmente, da inscrição. Depois, voltou o olhar para Allanon, que o observava com atenção.

— E o que é que isso tem a ver comigo? — apressou-se a perguntar. — Não sou um filho da Casa de Shannara nem sou elfo. Sou um mestiço, não um elfo, nem um rei. Eventine é o herdeiro da Casa de Shannara. Está a querer dizer-me que sou um filho perdido, um herdeiro desaparecido?! Não acredito!

Procurou apoio no irmão, mas Flick parecia completamente surpreendido e encarava Allanon assombrado. O homem sombrio falou com calma.

— Tens sangue elfo, Shea, e não és filho verdadeiro de Curzad Ohmsford. Mas isso já tu sabes... E Eventine não é descendente direto de Shannara.

— Eu sempre soube que era filho adotivo — admitiu o rapaz do vale —, mas certamente não vim da... Flick, diz-lhe tu!

O irmão limitou-se a olhar para ele atônito, incapaz de formular uma resposta. Shea calou-se abruptamente, abanando a cabeça, descrente. Allanon assentiu.

— És filho da Casa de Shannara; simplesmente, és um filho mestiço e muito afastado da linha de ascendência direta que pode ser traçada ao longo dos últimos quinhentos anos. Conheci-te quando eras miúdo, Shea, antes de teres sido trazido para casa dos Ohmsford, como filho da família. O teu pai era elfo. Era um homem muito bom. A tua mãe pertencia à espécie humana. Faleceram ambos quando ainda eras muito novo e acabaste por ser entregue a Curzad Ohmsford para que ele te criasse como um membro da família. Mas és descendente de Jerle Shannara, apesar de seres um descendente distante e de não teres o sangue puro dos elfos.

O rapaz concordou distraidamente com a explicação do homem alto, sentindo-se confuso e ainda desconfiado. Flick olhava para o irmão como se nunca o tivesse visto.

— O que é que tudo isto significa? — perguntou ele a Allanon, ansioso.

— O que acabei de te contar também é do conhecimento do Lorde Feiticeiro, embora ele não saiba ainda onde moras nem quem és. Porém, mais cedo ou mais tarde, os seus emissários acabarão por te encontrar, e quando isso acontecer, morrerás.

Shea virou a cabeça e olhou para Flick, com medo, lembrando-se da enorme sombra que o irmão vira na fronteira do vale. Flick também sentiu um arrepio repentino ao recordar aquela horrível sensação de terror.

— Mas porquê? — perguntou Shea, ansioso. — O que é que eu fiz para merecer isso?

— Tens de compreender muitas coisas, Shea, antes de conseguires compreender a resposta a essa pergunta — respondeu Allanon —, e eu não tenho tempo para te explicar tudo agora. Tens de acreditar em mim quando te digo que és descendente de Jerle Shannara, que tens sangue elfo e que os Ohmsford são a tua família *adotiva*. Não eras o único filho da Casa de Shannara, mas és o único ainda vivo. Os outros eram elfos e foram facilmente encontrados e destruídos. É isso que há tanto tempo impede o Lorde Feiticeiro de te encontrar. Ele não sabia que havia um

filho mestiço a viver nas Terras do Sul, embora tivesse conhecimento de toda a linhagem dos reis dos elfos desde o início. Mas tens de saber isto, Shea: o poder da espada é ilimitado... É o único grande temor de Brona, o único poder ao qual ele não consegue resistir. A lenda da espada é um amuleto poderoso nas mãos das raças, e Brona deseja acabar com ela. Tentará fazer isto matando toda a linhagem de Shannara, para que nenhum descendente do antigo rei possa empunhar a espada contra ele!

— Mas eu nem sabia da existência da espada! — protestou Shea.  
— Eu nem sabia quem eu era, nem nada sobre as Terras do Norte ou sobre...

— Não importa! — interrompeu Allanon bruscamente. — Se estiveres morto, não haverá mais dúvidas sobre ti.

A sua voz desvaneceu-se num murmúrio cansado e ele voltou a olhar para os cumes distantes das montanhas, para além da copa dos olmos altos. Shea deitou-se lentamente na relva macia, olhando para o azul pálido do céu invernal, polvilhado de pequenas nuvens brancas que pairavam sobre as colinas. Por alguns momentos agradáveis, a presença de Allanon e a ameaça de morte foram suprimidas pela calidez modorrenta do Sol da tarde e pelo odor fresco das árvores altas. O jovem fechou os olhos e pensou sobre a sua vida no vale, os planos que fizera com Flick e as suas esperanças para o futuro. Tudo se desvaneceria se o que o homem alto acabara de lhe dizer fosse verdade. Pensou em todas aquelas coisas com calma e, por fim, sentou-se, com os braços atrás das costas.

— Não sei bem o que pensar — começou ele lentamente. — Tenho tantas perguntas para lhe fazer! Estou confuso com a ideia de não ser um Ohmsford mas alguém ameaçado de morte, à mercê de um... mito. O que sugere que faça?

Allanon sorriu calorosamente pela primeira vez.

— De momento, nada. Não corres perigo imediato. Pensa no que te disse e conversaremos sobre as implicações disso noutra altura. Então, responderei, com prazer, a todas as tuas perguntas. Mas não fales disto a mais ninguém, nem mesmo ao teu pai. Age como se esta conversa nunca tivesse acontecido até termos a oportunidade de pensar melhor numa solução para o problema.

Os jovens entreolharam-se e assentiram com a cabeça, embora fosse difícil fingir que nada acontecera. Allanon levantou-se em silêncio, es-

ticando o corpo alto para distender os músculos dormentes. Os irmãos também se levantaram e permaneceram quietos enquanto ele os observava.

— Lendas e mitos que não existiam no mundo do passado existirão no mundo de amanhã. Coisas más, cruéis e astutas acordarão agora, depois de terem passado séculos adormecidas. A sombra do Lorde Feiticeiro começa a projetar-se sobre as quatro terras.

Calou-se de repente.

— Eu não queria ser duro — disse, com um sorriso gentil e inesperado —, mas, se essa for a pior coisa que acontecer nos dias que virão, debes ficar realmente grato. O que tens pela frente é uma ameaça real, não um insignificante conto de fadas. Nada disto será justo, e aprenderás muitas realidades da vida de que não vais gostar.

Allanon fez uma pausa, uma sombra alta e cinzenta recortada no verde das colinas distantes, com o manto puxado cuidadosamente contra o corpo macilento. Esticou a sua enorme mão para segurar com firmeza o ombro magro de Shea, e, por um instante, transformou os dois numa só pessoa. Então, virou-se e partiu.

### Capítulo III

O plano de Allanon de impedir uma discussão não funcionou. Deixou os irmãos sentados, mergulhados numa conversa murmurada nos fundos da estalagem, e voltou para o quarto. Shea e Flick acabaram por retomar os seus afazeres e, logo a seguir, o pai mandou-os fazer um recado algures junto à fronteira norte do vale. A noite já tinha caído quando regressaram. Apressaram-se para o salão, na esperança de fazerem mais perguntas ao historiador, mas ele não apareceu. Jantaram à pressa, sem poderem conversar sobre os acontecimentos da tarde na presença do pai. Após comerem, esperaram durante quase uma hora, mas, ainda assim, o homem não apareceu e, por fim, muito depois de o pai sair da cozinha, decidiram ir até ao quarto de Allanon. Flick hesitava em procurar o estranho sombrio, especialmente depois do encontro no vale na noite anterior, mas Shea insistiu tanto que o irmão

acabou por concordar em acompanhá-lo, esperando que se sentissem mais seguros na companhia um do outro.

Quando chegaram ao quarto, encontraram a porta destrancada e nenhum sinal do nómada. Parecia que ninguém tinha usado o quarto recentemente. Fizeram uma busca rápida pela estalagem e pelas propriedades à volta, mas não encontraram Allanon. Por fim, foram obrigados a concluir que o estranho homem tivera de abandonar o Vale Sombrio por alguma razão desconhecida. Shea ficou claramente zangado por Allanon se ir embora sem se despedir, mas, ao mesmo tempo, começou a sentir a preocupação crescente de que talvez já não estivesse sob a proteção do historiador. Flick, por outro lado, sentia-se muito aliviado com a partida do homem. Ao sentar-se com Shea nas cadeiras de espaldar alto, junto à lareira do salão da estalagem, tentou convencer o irmão de que o que acontecera tinha sido o melhor para ele. Não acreditara inteiramente na história bárbara do historiador sobre as guerras nas Terras do Norte e sobre a Espada de Shannara, argumentou, e mesmo que alguma parte daquilo fosse verdade, certamente a parte sobre a linhagem de Shea e a ameaça de Brona era exagerada — um conto de fadas ridículo.

Shea ouviu em silêncio a argumentação atabalhoada de Flick sobre as possibilidades, respondendo apenas com um ocasional aceno de cabeça em sinal de concordância, o seu próprio espírito concentrado em decidir o que deveria fazer de seguida. Tinha sérias dúvidas sobre a credibilidade da história de Allanon. Para começar, o que teria levado o historiador a procurá-lo? Aparecera convenientemente — ao que parecia — para lhe falar do seu estranho passado e dizer-lhe que estava em perigo, desaparecendo de seguida, sem dizer uma palavra sobre o seu próprio interesse no assunto. Como poderia ele ter a certeza que Allanon não aparecera com algum motivo obscuro, esperando usar o homem do vale como marionete? Havia demasiadas perguntas para as quais ele não tinha resposta.

Decorrido algum tempo, Flick cansou-se de dar conselhos ao silencioso Shea e parou de falar sobre o assunto, afundando-se na cadeira e olhando, resignado, para o fogo crepitante. Shea continuou a refletir sobre os detalhes da história de Allanon, tentando decidir o que faria. Entretanto, após uma hora de calma deliberação, levantou os braços em desespero, tão confuso como antes. Saiu do salão e foi para o quarto, com o leal Flick colado a si. Nenhum dos dois se sentia inclinado a con-

tinuar a conversa. Quando chegaram ao pequeno quarto, situado na ala leste, Shea deixou-se cair sobre uma cadeira, num silêncio mal-humorado. Flick atirou-se para cima da cama e ficou a olhar para o teto, ausente.

As velas da mesinha de cabeceira espalhavam uma luz frouxa pelo quarto, e Flick sentiu-se sonolento quase de imediato. Abanou-se de repente, para sacudir o sono, e, esticando as mãos acima da cabeça, encontrou um comprido pedaço de papel dobrado e selado que escorregara entre o colchão e a cabeceira. Curioso, levou-o diante da cara e descobriu que a mensagem era para Shea.

— O que é isto? — resmungou, atirando o papel ao seu abatido irmão.

Shea rasgou o selo e leu o papel à pressa. Mal tinha começado a ler quando deixou escapar um assobio baixo e se levantou de um pulo. Flick também se sentou imediatamente ao perceber de quem deveria ser o bilhete.

— É de Allanon — confirmou Shea. — Ouve-me só isto, Flick: *Não tenho tempo para te encontrar e dar-te mais explicações. Aconteceu algo da maior importância, e tenho de partir imediatamente; talvez até seja tarde de mais. Tens de confiar em mim e acreditar no que te disse, apesar de eu não poder voltar ao vale.*

*»Não estarás seguro por muito tempo no Vale Sombrio. Deves preparar-te para fugires rapidamente. Se te vires em perigo, encontrarás refúgio em Culhaven, nas florestas de Anar. Enviar-te-ei um amigo para te levar até lá. Confia em Balinor.*

*»Não fales a ninguém do nosso encontro. O perigo que corres é extremo. Coloquei uma pequena bolsa com três Pedras Élficas no bolso da tua capa de viagem castanha. Aconselhar-te-ão e proteger-te-ão quando tudo o resto falhar. Tem cuidado — elas são apenas para ti e só devem ser usadas quando nada mais resultar.*

*»O sinal da Caveira será o teu alerta para fugires. Que a sorte te acompanhe, meu jovem amigo, até nos reencontrarmos.*

Shea olhou com entusiasmo para o irmão, mas o desconfiado Flick abanou a cabeça, incrédulo, e franziu a testa.

— Não confio nele. Afinal, do que é que ele está a falar? Caveiras e Pedras Élficas? Nem sequer alguma vez ouvi falar de algum lugar chamado Culhaven, e as florestas de Anar ficam a quilómetros daqui... São dias e dias de viagem! Não estou a gostar nada disto.

— As Pedras! — exclamou Shea, levantando-se para ir buscar a capa de viagem pendurada no armário.

Procurou entre as roupas por vários minutos enquanto Flick o observava ansioso, e acabou por se voltar com uma pequena bolsa de couro balançando suavemente na mão direita. Ergueu-a, tomou-lhe o peso mostrando-a ao irmão e apressou-se a sentar-se na beira da cama. Num segundo, desamarrou o cordão e esvaziou o conteúdo da bolsa na mão aberta. Viu rolares três pedras de um tom azul-escuro, cada uma do tamanho de um seixo de médias dimensões, finamente cortadas e brilhando fortemente sob a luz fraca das velas. Os irmãos olharam para elas com curiosidade, esperando que fizessem alguma coisa incrível naquele mesmo instante, mas nada aconteceu. Permaneceram paradas sobre a mão de Shea, bruxuleando como estrelas azuis roubadas à noite, tão límpidas que quase se podia ver através delas, como se fossem apenas vidro pintado. Por fim, depois de Flick reunir coragem suficiente para tocar numa delas, Shea voltou a colocá-las na pequena bolsa, que guardou no bolso da capa.

— Bem, ele disse a verdade quanto às Pedras — arriscou Shea um momento depois.

— Talvez sim, talvez não... ou talvez não sejam Pedras Élficas — sugeriu Flick, desconfiado. — Como poderás saber? Alguma vez viste uma Pedra Élfica? E o resto do bilhete? Eu nunca ouvi falar de ninguém chamado Balinor e muito menos de Culhaven. É melhor esquecermos esta história toda, principalmente o facto de alguma vez termos visto Allanon.

Shea assentiu com a cabeça, inseguro, sem conseguir responder às perguntas do irmão.

— Porque é que deveríamos preocupar-nos agora? Tudo o que temos de fazer é ficar atentos ao sinal da Caveira, seja lá o que isso for, e à chegada do amigo de Allanon. Talvez acabe por não acontecer nada.

Flick continuou a expressar a sua desconfiança em relação ao bilhete e ao seu autor durante vários minutos, antes de perder o interesse. Os irmãos estavam cansados e decidiram dormir. Enquanto as velas se apagavam, o último gesto de Shea foi ir buscar a bolsa e colocá-la cuidadosamente debaixo do travesseiro, onde podia sentir o volume a pressionar-lhe o rosto. Decidiu manter as pedras sempre por perto nos dias seguintes, independentemente do que Flick pensasse.

No dia seguinte, começou a chover. Nuvens negras e enormes chegaram de norte subitamente e detiveram-se sobre o vale, apagando qualquer vestígio do Sol e do céu com as suas torrentes de uma chuva arrasadora que assolou a pequena aldeia com uma ferocidade inacreditável. Todo o trabalho nos campos teve de ser interrompido e as viagens para o exterior ou para o interior do vale cessaram — primeiro por um, depois por dois, finalmente por três dias inteiros. A tempestade foi um espetáculo terrível de raios ofuscantes que cruzavam o céu escurecido pelas nuvens e de trovões ziguezagueantes que rebentavam sobre o vale em ribombantes rajadas seguidas, que terminavam em estrondos distantes e ainda mais nefastos algures para lá da escuridão do Norte. Choveu durante três dias inteiros, e o povo do vale começou a temer as enchentes que poderiam vir das colinas em redor; se estas ocorressem, devastariam as suas casas e os campos desprotegidos. Os homens reuniam-se diariamente na estalagem de Ohmsford e discutiam, apreensivos, com as canecas de cerveja à frente, lançando olhares preocupados à chuva que caía continuamente no outro lado das janelas encharcadas. Os irmãos Ohmsford observavam em silêncio, ouvindo as conversas e analisando os rostos ansiosos dos homens do vale que se reuniam em pequenos grupos no salão lotado. No início, tinham a esperança de que a tempestade passasse depressa, mas, mesmo após três dias, não havia sinal de melhoria no tempo.

Ao fim da manhã do quarto dia, a chuva passou da tromba de água constante a um chuvisco abafado, misturado com uma neblina cerrada e um calor húmido e pegajoso que deixou todos completamente irritados e desconfortáveis. A multidão na estalagem começou a diminuir à medida que os homens voltavam ao trabalho, e Shea e Flick ocuparam-se imediatamente das reparações e da limpeza em geral. A tempestade despedaçara persianas e arrancara telhas de madeira, espalhando-as pelas redondezas. Tinham-se formado grandes goteiras no teto e nas paredes das alas da estalagem, e o pequeno armazém de ferramentas, nos fundos da propriedade dos Ohmsford, fora esmagado por um olmo caído, desenraizado pela força da chuva. Os dois jovens passaram vários dias a tapar os buracos, consertando o telhado e substituindo telhas e persianas quebradas ou perdidas. Era um trabalho entediante, e as horas arrastavam-se.

Passados dez dias, a chuva parou completamente; as enormes nu-

vens desapareceram e o céu escuro tornou-se limpo, iluminando-se de um azul-claro amistoso, pontilhado por nuvens brancas. As enchentes não aconteceram, e à medida que os homens do vale voltavam para os campos, o Sol morno foi reaparecendo e o terreno do vale começando a secar, até a lama se tornar terra sólida, salpicada aqui e ali de pequenas poças de água turva que desafiavam o terreno sempre sedento. Por fim, até as poças desapareceram e o vale voltou a ser o que era. A fúria da tempestade ficou reduzida a uma vaga lembrança.

Depois de terminarem os outros consertos na estalagem, Shea e Flick dedicaram-se a reconstruir o armazém das ferramentas, acabando por ouvir trechos das conversas dos homens do vale e dos hóspedes sobre a enorme chuvada. Ninguém tinha memória de uma tempestade de tamanha ferocidade durante aquela época do ano no vale. Fora o equivalente a um vendaval de inverno, do tipo que apanhava os viajantes despreparados nas grandes montanhas a norte e os varria dos trilhos nos penhascos para nunca mais serem vistos. O seu surgimento repentino fez todos na aldeia pararem para refletirem mais uma vez sobre os contínuos rumores de acontecimentos estranhos no Norte.

Os irmãos prestaram bastante atenção a esses comentários, mas não descobriram nada de interessante. Conversavam frequentemente sobre Allanon e a sua estranha história relacionada com a herança de Shea. O pragmático Flick há muito que rejeitara tudo aquilo, considerando o assunto uma parvoíce ou uma piada sem graça. Shea ouvia-o com paciência, embora se sentisse mais relutante do que o irmão em esquecer a questão. Mas, apesar de não rejeitar a história, também não conseguia aceitá-la inteiramente. Sentia que ainda havia muita coisa oculta, muita coisa sobre Allanon que nem ele nem Flick sabiam. Preferia manter o assunto vivo até conhecer todos os factos. Tinha sempre consigo a bolsa que continha as Pedras Élficas. Enquanto Flick continuava a resmungar — geralmente várias vezes por dia — sobre a tolice que era levar as Pedras para todo o lado e acreditar que alguma coisa do que Allanon lhes dissera era verdade, Shea observava cuidadosamente todos os estranhos que passavam pelo vale, examinando ansiosamente os seus pertences, à procura do sinal da Caveira. Mas acabou por não descobrir nada e, com o passar do tempo, viu-se obrigado a considerar o assunto uma experiência na fina arte da ingenuidade.

Nada aconteceu que mudasse a opinião de Shea até certa tarde, mais

de três semanas depois da partida súbita de Allanon. Os irmãos tinham estado fora o dia inteiro, a cortar telhas para a estalagem, e já era quase noite quando regressaram a casa. O pai estava sentado na sua cadeira favorita, ao comprido balcão da cozinha, com o rosto largo inclinado sobre um fumegante prato de comida, quando eles entraram. Cumprimentou os filhos com um aceno da mão.

— Chegou uma carta para ti enquanto estiveste fora, Shea — informou, estendendo uma comprida folha de papel branco dobrado. — Diz aí que é do Leah.

Shea deixou escapar uma exclamação de surpresa e pegou logo na carta. Flick grunhiu alto.

— Eu sabia! Eu sabia! Era bom de mais para ser verdade — resmungou. — O maior vagabundo de todas as Terras do Sul resolveu que está na altura de sofreremos mais! Rasga a carta, Shea.

Shea já tinha rasgado o selo e lia o conteúdo da carta, ignorando totalmente os comentários de Flick. O irmão encolheu os ombros, rendido, e sentou-se num banco próximo do pai, que voltara a comer.

— Quer saber onde é que nos escondemos — informou Shea, rindo-se. — Quer que nos encontremos com ele o mais rapidamente possível.

— Ah, pois... — resmungou Flick. — Deve estar metido nalgum problema e precisa de alguém a quem culpar. Porque é que não nos atiramos antes do precipício mais próximo? Lembras-te do que aconteceu na última vez em que Menion Leah nos convidou para o visitarmos? Andámos perdidos nos Carvalhos Negros durante vários dias e quase fomos devorados por lobos! Jamais esquecerei essa aventura! Mais depressa me deixo apanhar pelas Sombras do que aceito outro convite dele!

O irmão riu-se e pôs-lhe o braço sobre os ombros largos.

— Tens é inveja por ele ser filho de reis e poder viver como quiser.

— Um reino do tamanho de uma poça... — retorquiu Flick. — E sangue real é o que não falta por aí, hoje em dia. O teu, por exem...

Flick calou-se de repente. Olharam ambos para o pai, mas este parecia não ter ouvido o deslize, ainda concentrado na comida. Flick encolheu os ombros, num pedido de desculpa, e Shea sorriu-lhe, tentando animá-lo.

— Está um homem na estalagem que diz andar à tua procura, Shea — informou Curzad Ohmsford de repente, olhando para ele. — Men-

cionou aquele estranho alto que esteve aqui há várias semanas. Nunca o tinha visto no vale. Está no salão principal.

Flick levantou-se lentamente, sentindo já o medo a invadi-lo. Shea foi apanhado de surpresa pela informação, mas apressou-se a chamar o irmão, que se preparava para dizer alguma coisa. Se o novo estranho fosse um inimigo, teria de o descobrir. Apalpou o bolso do casaco, para se certificar de que as Pedras Élficas ainda lá estavam.

— Como é esse homem? — perguntou, incapaz de pensar noutra maneira de descobrir a marca da Caveira.

— Não posso descrever-to, filho — respondeu o pai, com a voz abafada enquanto mastigava e o rosto curvado sobre o prato. — Está coberto por um manto comprido e verde. Chegou esta tarde, montado num belo cavalo. Estava muito ansioso por te encontrar. É melhor veres depressa o que é que ele te quer.

— Viste alguma marca? — perguntou Flick, exasperado.

O pai parou de mastigar e olhou para ele com o rosto franzido e uma expressão confusa.

— O que é que estás para aí a dizer? Queres que faça um desenho do homem?! Afinal qual é o vosso problema?

— Nada de importante... — interrompeu Shea. — O Flick estava só a pensar se... se o homem será parecido com o Allanon... lembraste dele?

— Ah, sim — respondeu o pai, com um sorriso de quem tinha acabado por compreender, enquanto Flick reprimia um suspiro de alívio. — Não, eu não notei nenhuma semelhança, apesar de este também ser alto. Mas vi-lhe uma cicatriz comprida no lado direito do rosto, talvez provocada por um golpe com uma faca.

Shea agradeceu e arrastou Flick pelo corredor, até ao salão principal. Apressaram-se na direção das amplas portas duplas e fizeram uma pausa, já sem fôlego. Com cuidado, Shea empurrou uma das portas e observou atentamente a multidão. Por momentos, não viu nada para além dos rostos familiares dos clientes usuais e dos viajantes de sempre do vale, mas, de repente, deu um salto para trás e deixou a porta fechar-se enquanto encarava o ansioso Flick.

— Ele está lá fora, junto ao canto da frente, ao lado da lareira. Não consigo saber quem é nem ver-lhe as feições daqui. O manto verde cobre-o totalmente, tal como o pai nos disse. Temos de nos aproximar.

— No salão?! — Flick estava ofegante. — Enlouqueceste?! Se ele souber de quem é que está à procura, reconhecer-te-á num segundo!

— Então vai lá tu — ordenou Shea, num tom firme. — Finge que vais colocar mais lenha na lareira e tenta vê-lo discretamente. Vê se ele traz a marca da Caveira.

Flick arregalou os olhos e virou-se para fugir, mas Shea agarrou-o pelo braço e puxou-o de volta, obrigando-o a entrar no salão contra a sua vontade, com um empurrão, antes de desaparecer rapidamente de vista. Em seguida, entreabriu ligeiramente as portas e espreitou, para ver o que estava a acontecer. Viu Flick percorrer, hesitante, o salão até chegar à lareira e começar a remexer indolentemente as brasas incandescentes, acrescentando, por fim, outro tronco. O jovem do vale ganhava tempo, tentando posicionar-se de forma a poder olhar de relance para o homem coberto com o manto verde. O estranho estava sentado a uma mesa afastada vários metros da lareira, de costas para Flick mas com o corpo levemente inclinado na direção da porta atrás da qual Shea se escondia.

De repente, quando Flick parecia preparar-se para voltar, o estranho remexeu-se ligeiramente na cadeira e fez um comentário curto que deixou Flick paralisado. Shea viu o irmão virar-se para o estranho e responder-lhe, lançando um rápido olhar nervoso para o esconderijo de Shea. Shea ocultou-se na penumbra do corredor e deixou a porta fechar-se. De alguma forma, tinham-se denunciado. Enquanto pensava se deveria fugir, Flick empurrou abruptamente as portas duplas, com o rosto branco de medo.

— Ele viu-te aqui à porta. O homem tem olhos de águia! Disse-me para te levar até ele.

Shea pensou por momentos e acabou por concordar, sem outra alternativa. Afinal, para onde poderiam fugir sem serem encontrados em poucos minutos?

— Talvez ele não saiba de tudo — sugeriu, confiante. — Talvez ele ache que nós sabemos para onde Allanon foi. Tem cuidado com o que lhe dizes, Flick.

Shea caminhou na frente, passando pelas amplas portas, e cruzou o salão até à mesa à qual se sentava o estranho. Pararam atrás dele e esperaram. O homem acenou-lhes, com a mão, para que se sentassem nas cadeiras do outro lado da mesa. Obedeceram, relutantes, à ordem silenciosa e os três permaneceram calados, entreolhando-se por alguns

minutos. O estranho era um homem grande, de estrutura larga, apesar de não ter a altura de Allanon. O manto cobria-lhe todo o corpo e apenas a cabeça estava visível. As suas feições eram rugosas e fortes, agradáveis ao olhar, à exceção da cicatriz escura que descia da ponta da sobran-celha direita até acima da boca, atravessando a bochecha. Shea teve a impressão de que aqueles olhos lhe transmitiam uma curiosa meiguice enquanto o analisavam; eram cor de avelã e denunciavam uma camada de doçura sob a superfície dura. O cabelo, loiro, apresentava-se curto, e caía, despenteado, sobre a testa ampla e em volta das orelhas pequenas. Ao analisar o estranho, Shea teve dificuldade em acreditar que aquele homem pudesse ser o inimigo para o qual Allanon o alertara. Até Flick parecia calmo na sua presença.

— Não há tempo para jogos, Shea — disse o recém-chegado, com uma voz suave mas cansada. — A tua cautela é sensata, mas eu não sou portador da marca da Caveira. Sou amigo de Allanon, e chamo-me Balinor. O meu pai é Ruhl Buckhannah, Rei de Callahorn.

Os irmãos reconheceram o nome instantaneamente, mas Shea não estava disposto a correr riscos.

— Como posso saber que o senhor é quem diz ser? — inquiriu ele.

O estranho sorriu.

— Da mesma maneira que eu sei quem tu és, Shea. Pelas três Pedras Élficas que trazes no bolso do casaco... as Pedras Élficas que Allanon te deu.

O aceno de cabeça surpreso do rapaz do vale foi quase impercetível. Só alguém enviado pelo historiador poderia saber das Pedras.

— O que aconteceu a Allanon? — perguntou Shea, inclinando-se para diante com cautela.

— Não sei ao certo — respondeu o homem, com delicadeza. — Não o vejo nem falo com ele há mais de duas semanas. Quando o deixei, ele viajava para Paranor. Havia rumores sobre um ataque à fortaleza, e ele temia pela segurança da espada. Enviou-me para te proteger. Eu teria chegado mais cedo, mas atrasei-me por causa do temporal e daqueles que pretendiam seguir-me até aqui. — Fez uma pausa e olhou diretamente para Shea, com os olhos castanhos subitamente sérios ao encararem o jovem. — Allanon revelou-te a tua verdadeira identidade e falou-te do perigo que correrias. Tenhas ou não acreditado nele, isso já não importa. É chegado o momento. Tens de abandonar o vale imediatamente.

— O quê, simplesmente levanto-me e vou-me embora?! — perguntou Shea, perplexo. — Não posso fazer isso!

— Podes, e é o que farás, se queres continuar vivo. Os portadores da Caveira suspeitam que estejas no vale. Em questão de um ou dois dias, encontrar-te-ão e será o teu fim, se ainda aqui estiveres. Tens de partir já. Viaja com rapidez e leva pouca bagagem; caminha pelos trilhos que conheces e refugia-te na floresta sempre que puderes. Se tiveres de atravessar campo aberto, viaja apenas durante o dia, quando o poder deles é mais fraco. Allanon disse-te para onde deves ir, mas terás de confiar nas tuas próprias capacidades para lá chegares.

Confuso, Shea fitou o homem por momentos. Em seguida, virou-se para Flick, a quem aquela reviravolta nos acontecimentos deixara mudo. Como é que aquele homem podia esperar que ele simplesmente fizesse as malas e fugisse? Era ridículo.

— Tenho de me ir embora — disse o estranho, levantando-se de repente, com o manto a envolver-lhe a estrutura larga. — Levar-te-ia comigo se pudesse, mas fui seguido. Aqueles que querem matar-te esperam que eu os conduza, por fim, aonde tu te encontras. Ser-te-ei mais útil como isco; talvez continuem a seguir-me, e isso permitir-te-á fugires sem seres visto. Cavalgarei para sul durante algum tempo, depois tomarei a direção de Culhaven. Nós voltaremos a encontrar-nos lá. Lembra-te do que eu te disse: não te demores no vale. Parte agora, ou pelo menos hoje à noite! Faz o que Allanon te disse e guarda as Pedras Êlficas com cuidado, pois são uma arma poderosa.

Shea e Flick levantaram-se com o homem e apertaram a mão que lhes estendia, notando pela primeira vez que o braço exposto se encontrava coberto por uma malha metálica reluzente. Sem dizer mais uma palavra, Balinor atravessou o salão rapidamente e desapareceu na escuridão da noite, saindo pela porta da frente.

— Bem, e agora? — perguntou Flick, deixando-se cair na cadeira.

— Sei lá... — respondeu Shea, cansado. — Não sou bruxo. Não faço a menor ideia se o que ele nos disse é verdade, nem o que Allanon nos contou! Se ele tiver razão, e tenho a desagradável impressão de que existe alguma verdade no que ele diz, então, para bem de todos os envolvidos, devo sair do vale. Se alguém andar realmente atrás de mim, serei obrigado a concluir que outras pessoas, como tu e o pai, sofrerão se eu ficar aqui.

Olhou, entristecido, para o salão, tão enredado nas histórias que ouvira que não conseguia decidir o que seria melhor fazer. Flick observava-o em silêncio, sabendo que não podia ajudá-lo, mas sentindo a mesma confusão e preocupação que o irmão. Por fim, inclinou-se e pousou a mão no ombro de Shea.

— Vou contigo — anunciou, num tom suave.

Shea virou-se para o irmão, claramente surpreso.

— Não posso permitir que faças isso. O pai nunca entenderia. Além do mais, talvez eu nem vá a lado nenhum.

— Lembra-te do que o Allanon disse: depois de o ouvir, fiquei tão metido nisto como tu — insistiu Flick, obstinado. — Além disso, és meu irmão. Não posso deixar-te ir sozinho.

Shea olhou para ele com um ar contemplativo. Assentiu e sorriu-lhe, agradecido.

— Falaremos sobre isso mais tarde. De qualquer forma, não posso partir antes de decidir para onde vou e do que precisarei. E isso se eu for mesmo! Tenho de deixar um bilhete escrito para o pai. Não posso simplesmente ir-me embora, independentemente do que o Allanon e o Balinor acham melhor.

Levantaram-se da mesa e foram jantar na cozinha. Passaram o resto da noite ocupados, entre o salão e a cozinha, com várias viagens aos dormitórios, onde Shea inspecionava os seus pertences, observando o que possuía e separando aleatoriamente alguns objetos. Flick seguia-o em silêncio, recusando-se a deixá-lo sozinho por receio de que o irmão decidisse ir para Culhaven sem lhe dizer nada. Viu Shea colocar algumas roupas e material de acampamento num saco de couro, e quando lhe perguntou porque é que estava a fazer as malas, o irmão respondeu-lhe que era apenas por precaução; para o caso de ter mesmo de fugir de repente. Shea garantiu-lhe que jamais partiria sem se despedir dele, mas a garantia não o deixou mais tranquilo, pelo que continuou a observar o irmão de muito perto.

Estava escuro como breu quando Shea foi acordado por uma mão que lhe agarrava o braço. Tinha o sono leve, e o toque frio fê-lo acordar instantaneamente, com o coração a bater acelerado. Debateu-se com tenacidade, apesar de não conseguir ver na escuridão, e tentou segurar o atacante invisível com a mão livre. Um sussurro rápido chegou-lhe aos ouvidos e, de repente, reconheceu as feições largas de

Flick, ligeiramente delineadas à meia-luz das estrelas encobertas pelas nuvens e pela pequena Lua em quarto crescente que brilhava através das cortinas. O medo diminuiu e foi substituído pelo alívio da visão familiar do irmão.

— Flick! Assustaste-me...

O seu alívio foi interrompido quando Flick lhe tapou a boca aberta com a mão forte e o alertou com outro sussurro. Na penumbra, Shea conseguiu ver rugas profundas de medo no rosto do irmão, a pele pálida esticada pelo frio do ar noturno. Voltou a mexer-se, mas os braços fortes que o seguravam apertaram-no com maior firmeza e aproximaram-lhe o rosto do par de lábios cerrados com força.

— Não fales — soou o sussurro nos seus ouvidos, a voz gaguejando de terror. — Para a janela, rápido!

As mãos afrouxaram o aperto e empurraram-no gentilmente, mas com rapidez, da cama para o chão, até ficarem ambos agachados nas tábuas de madeira grossa, envoltos pelas sombras do quarto. Então, Shea rastejou com Flick na direção da janela entreaberta, tentando respirar sem fazer barulho. Quando chegaram à parede, Flick puxou Shea para um dos lados da janela com as mãos a tremerem.

— Shea, ao lado da construção... Olha!

Completamente aterrorizado, Shea ergueu a cabeça até ao parapeito da janela e observou atentamente a estrutura de madeira envolta na escuridão do outro lado da estalagem. Viu a criatura quase de imediato — uma forma negra, enorme e terrível, que se mantinha inclinada ao rastejar, esgueirando-se lentamente pelas sombras das construções do outro lado da estalagem, com as costas curvas cobertas por um manto que inchava e desinchava suavemente, por ação da coisa viva que tinha por baixo. O som áspero e hediondo da respiração da criatura era claramente audível, mesmo àquela distância, e os seus pés emitiam um curioso ruído de algo a arranhar, ao moverem-se pela terra escura. Shea cravou os dedos no parapeito, os olhos fixos na criatura que se aproximava, e, no preciso momento em que se preparava para voltar a baixar a cabeça sob o parapeito da janela aberta, vislumbrou um pingente de prata com a forma de uma caveira reluzente.